

# novas da galiza

número 24

## A falácia da política social

Óliver Escobar

A dramática realidade da exclusão social na Galiza já não está na agenda do Executivo galego, que conseguiu reduzir a presença mediática e a reivindicação dos agentes sociais quanto a esta problemática. A fórmula foi a RISGA, Renda de Integração Social da Galiza, um plano plagiado mal e tarde do mais efectivo modelo basco, sem base em qualquer estudo ou investigação da realidade galega.

Afinal, a RISGA tornou-se apenas propaganda, talvez o que sempre foi, e todos os sectores implicados na sua implementação reconhecem o absoluto fracasso da mesma, pois nem chega ao meio rural, nem atinge o conjunto das famílias pobres



galegas, distribui umha renda ínfima e desestima o principal objectivo: a inserção

sócio-laboral. Apesar disso, a administração Fraga continua a utilizá-la para calar

as críticas à sua política social.

PÁGINA 8

**Galiza berra  
Nunca Mais  
enquanto querem  
parar limpeza  
das praias**

**Fiscal Geral do  
Estado acossa  
NÓS-UP**

**Pedem paralisar  
as expropriações  
de Porto Seco**

**Protestos  
contra as novas  
cimenteiras do  
Plano Galiza**

**Política  
penitenciária  
do PSOE  
nom muda**

**Agravamento  
da perseguição  
política em Sada**

**Iniciativas por  
umha escola  
em galego**

por Ramon Gonçalves

## Polícia e Guarda Civil protegem narcotraficante

*José Bóveda Ozores actua impunemente graças a eles*



Redacção

O olfacto popular costuma desvendar com precisão as chaves da realidade. A ninguém escapa que as autoridades oferecem às redes do narcotráfico galego umha protecção necessária. Nos últimos meses, o mar engoliu cinco narcos galegos que deram à imprensa diária galega grandes cabeçalhos no mês de Outubro. Mas as notícias não esclareciam a conexão de José Bóveda Ozores, patron dos falecidos, com a Guarda Civil de Ponte Vedra, com a brigada de estupefacientes da Polícia Nacional de Vigo e com o Serviço de Vigilância Alfandegária.

PÁGINA 11

## Identidade galego-portuguesa na UNESCO

Redacção

Toda a gente sabe que, um pouco por todo o mundo, há monumentos e cidades declaradas Património da Humanidade. Embora mais desconhecido, a UNESCO também reconhece um outro tipo de património, nomeadamente o intangível, de menor projecção turística, mas alicerces da rica identidade cultural dos povos. No próximo mês de Junho, a cultura galego-portuguesa poderá ser declarada Obra-Prima do Património Intangível da Humanidade, graças ao trabalho desenvolvido por um colectivo educativo da Galiza e do Norte de Portugal, através do programa de rádio "Ponte... nas ondas".

PÁGINA 14

## segunda

novas da  
galiza

**Editora:** Minho Media S.L.

**Director:** Ramom Gonçalves

**Redactor-chefe:** Carlos Barros G.

**Conselho de Redacção:** Marta Salgueiro, Antom Santos, Antón Álvarez, Ivám García, Alonso Vidal, Xiana Árias, Sole Rei

**Colaboradores:** Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, Joám Carlos Ánsia, Santiago Alba Rico, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germám Hermida, João Aveledo, Adela Figueroa e Carlos Taibo

**Fotografia:** Arquivo NGZ

**Humor Gráfico:** Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Aduaneiros sem fronteiras

**Publicidade:** 639 146 523

**Correcção lingüística:**  
Eduardo Sanches Maragoto

**Imagem Corporativa:** Paulo Rico

**Desenho gráfico e maquetación:**  
Miguel García e Carlos Barros

**NOVAS DA GALIZA**  
Apartado 1069  
27080 Lugo - Galiza  
Tel: 639 146 523  
novasgz@novasgz.com

*As opinións expressas nos artigos non representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de libre reprodución respectando a ortografía e citando procedencia. É prohibido outro tipo de reprodución sem autorización expresa do grupo editor.*

*A información continua periodicamente no portal [www.galizalivre.org](http://www.galizalivre.org)*

**Fecho de Edición:** 15.10.04

## Iniciativas por umha escola em galego

Ramom Gonçalves

Nestes dias apareceu no web da Associação Galega da Língua ([www.agal-gz.org](http://www.agal-gz.org)) umha iniciativa internautica para pesquisar, sondar e concretizar respostas ao redor de um dos projectos mais necessitados, debatidos e reclamados polo conjunto da base nacionalista do nosso país. A iniciativa "escola em galego" ([www.salient.comtenidos.com](http://www.salient.comtenidos.com)) pom novamente encima da mesa um repto que no século XXI o nacionalismo galego ainda nom tem conseguido afrontar com valentia e audácia. No sentido de criar alternativas físicas, e nom apenas teóricas, à hegemonia do espanhol, o nacionalismo galego nom actuou a tempo, nom soubo aparecer no momento certo, como outras nações com língua de seu e sem estado. Todas as nações com umha história de resistência nacional conseguiram, melhor ou pior, abrir e manter espaços alternativos de lazer, comunicação ou educativos. Nós chegamos tarde. Nom é que nom apontássemos correctamente os sintomas e a forma mais idónea para corrigir males e lacunas, mas em muito poucos casos estas correcções se tornáram realidade. Há trinta anos que lhe damos voltas à necessidade de criar um jornal em galego, pensado para a Galiza, e hoje em dia, ainda nom há nada disso na rua. As associações culturais ou vicinais som apenas redutos minoritários, e tem-se deixado de parte o importante trabalho cultural de base. Sempre desenhamos alternativas teóricas e bem meditadas que, porém, nom chegam a se tornar reais. Como se analisou há tempo no marxismo de Entre-Guerras, mediar entre o ser e o dever ser com outro dever ser é nom mediar absolutamente nada. Nos anos setenta, nos ambientes pedagógicos comprometidos com o futuro da Galiza, afirmava-se que tínhamos umha falta de bases primárias de cultura, o que contrasta com um actual superávit de cultura de elite. Essas bases primárias e fundamentais, centradas em três eixos principais (educação, lazer e comunicação), haviam de conformar o esboço inicial da autodefesa cultural frente à colonização cultural de Espanha. Sem elas, os piores agoiros anunciados por instituições como a Unesco a respeito da nossa desaparición, tornarám-se reais. O século XXI deveria ser o século da recuperação da nossa identidade ou bem da nossa desaparición quase completa como povo diferenciado. Eis o



repto de sobrevivência. As escolas em galego seriam o alicerce imprescindível em que se inverteria, polo menos nalguns aspectos, o embate mais directo da hegemonia da cultura espanhola. Conhecemos bem casos de crianças educadas na sua casa em galego que ao chegarem aos primeiros anos de infantário mudam vertiginosamente para o espanhol. Som bem conhecidas as consequências psicológicas, sociais e pedagógicas da diglossia. Som também inúmeras as reflexões sobre os problemas que isso comporta para o desenvolvimento da criança. A construção nacional parte destas iniciativas. A reflexom mais imediata que nos deveríamos fazer é se estamos dispostos a afrontá-la. Ou construímos nação ou anquilosamos os nossos esforços em garbulhos teóricos e inoperantes. A "escola em galego" nom é umha proposta plagiada de outras terras ou de outras luitas. Todas as luitas de resistência geram esse tipo de espaços, porque a educação é a arma principal da opressom nacional, e portanto, é de senso comum combatermos as estratégias educativas dirigidas a perpetuar a dependência colonial. Esse é sem dúvida o núcleo da dominação. Todos os esforços encaminhados a inverter, destroçar e trocar esse núcleo opressivo som bem recebidos. Porque o que se nos oferece do governo de Madrid nom é educação, pelo contrário, um processo anti-pedagógico. Umhas instituições educativas encaminhadas a desenvolver o indivíduo plena-

***“A escola em galego nom é umha proposta plagiada de outras terras ou de outras luitas. Todas as luitas de resistência geram esse tipo de espaços, porque a educação é a arma principal da opressom nacional, e portanto, é de senso comum combatermos as estratégias educativas dirigidas a perpetuar a dependência colonial”***

mente na sociedade galega seriam a antítese da função que por enquanto tem a instrução na Galiza. Agora o que cumpre é apoiarmos economicamente e darmos cobertura social a este tipo de ideias. Deveríamos arremangar os braços e ser conscientes que o trabalho de construção leva consigo nom apenas satisfações e correcção política, mas também incoerências, abandonos e frustração.

Goethe dizia que a educação é o lume sagrado de um povo. A nossa responsabilidade histórica e mantermos esse lume aceso.

# sumário

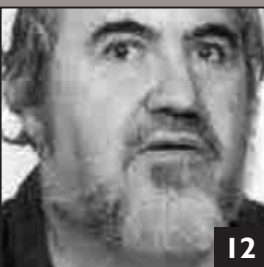


MAR DE TINTA

Este colectivo leva a poesía de intervención ás ruas galegas. O Prestige e Reganosa protagonizan os seus recitais.

5

“DETRÁS DA PALABRA”



A poesía de J. Alberto Corral Iglesias leva-nos do silencio à palabra e da escuridade à luz.

12



A OUTONADA DE VARES

O punto mais setentrional da Galiza é un lugar privilegiado para a obsevaçom de aves.

13

“JÁ ESTAMOS A PREPARAR  
“TÓXIC PERCEBE 2: NUNCA  
DIGAS NUNCA NAIS”,  
COM IRONIA, SANGUE  
E MENSAGEM”



Entrevistamos Martín Fiallega, co-director de TOXIC PERCEBE

15



“A MESA DEIXOU QUE O  
COLECTIVO MORRESSE  
EM VIGO”

Entrevistamos Alexandre Prieto, co-fundador de “Maes e Pais polo Ensino em Galego.”

16

# editorial

## A POBREZA OCULTA

Os dados habitualmente difundidos pola oficialidade mediática e política do noso país, asinalan reiteradamente quais os síntomas do noso atraso social e económico: infraestruturas precárias ou realizadas a destempo, escassa industrializaçom e precariedade laboral elevada. Nesses índices, que ninguém contesta -e cujas causas últimas som deliberadamente obscurecidas- nom falta umha ausência gritante: a que diz respeito aos niveis de pobreza presentes na sociedade galega do século XXI. Parece que nom nos custa reconhecere a presenza abafante das exigências mais duras que este mundo neoliberal lança contra as galegas e os galegos -do disparatado preçom dos andares à falta de traballo estável, mas também parece que um agudo incómodo inconsciente nos impede dar mais um passo: falar daqueles e aquelas cujas reivindicaçoms som ainda mais primárias e igualmente legítimas; aqueles e aquelas que som directamente pobres (ou excluídos, como nos dita a linguagem asséptica do politicamente correcto) e ocupam cada dia umha faixa crescente dos quadros estatísticos da nosa sociedade.

Por seu turno, a maioria social, ofuscada polo modelo vigente dos três carros por familia, pola última geraçom do telemóvel, polos grandes armazéns, pola revoluçom informática e polas viagens internacionais concertadas por agência, costuma esquecer, com demasiada alegria, o mundo das pessoas sem-

tecto, as desempregadas eternas, as escravizadas nas redes da marginalidade ou as que sobrevivem sem traballo e dedicam os seus dias a manter-se nessa sobrevivência incerta. Essa pobreza tabu, considerada o verdadeiro pecado da nosa sociedade inconsciente e opulenta, é a que NOVAS da GALIZA desentranha neste número. Nom para cair no fácil discurso caritativo ou em paternalistas chamadas de atençom, mas para avaliar em que medida o ruinoso Estado-providência espanhol e a sua torpe delegaçom regional atendem a pobreza e aplicam medidas de choque de alcanço real. Nom vamos encontrar nenhuma surpresa neste terreno: decisoms seródiás, investimentos raquiticos, ausência de estudos, negócios e mercadejos organizados à sombra do discurso assistencial e do contrabando de favores que reina aqui e acolá, numha naçom demasiado afeita a sofrer em silêncio e a varrer as suas vergonhas para debaixo da tapete.

Analizamos mais um campo de interaçom gloriosa da direita espanhola na última década, que, infelizmente, a maioria da cidadania crítica ainda despreza ou ignora. Intervençom construída de silêncios, omissoms mediáticas e propagandas esporádicas, e perfeitamente enquadrada numha meditada estratégia como pano de fundo: a liquidaçom daqueles mínimos e cativos recursos institucionais que outrora socorriam as inúmeras vítimas do selvajismo de mercado.

## Suso Sanmartim



## notícias

*Coirós, Narom e Portas revoltam-se contra as indústrias do cimento*

# Plano Galiza vem com novas cimenteiras

*A produçom cimenteira galega aumentou em 5% no que diz respeito à média espanhola, e a apariçom de novas empresas a fomentar a concorrência está a ser a tónica dominante nos últimos tempos. O Plano Galiza, com a sua*

*voragem construtora de infra-estruturas de comunicaçom, exige cimento rápido e barato para fornecer as obras que asfaltam o País. Eis algumas chaves do boom empresarial de um sector que pode ser equiparado ao das centrais*

*térmicas quanto aos níveis de poluiçom, e que o ambientalismo assinala como causador de doenças mortais entre a populaçom que o suporta. A vizinhança de vários concelhos galegos já articula a oposiçom.*

### Redaçom

A vizinhança de Narom foi a que com mais diligéncia decidiu organizar medidas de pressom para impedir a culminaçom do projecto que Cimentos Galegos prepara, num momento em que ainda se está à espera da requalificaçom de terrenos necessária para começar a obra na paróquia do Castro. Este esclarecimento opositor nasce, nom por acaso, num concelho situado perto de dous dos mais graves ataques ao ambiente sofridos polo nosso País -o porto exterior de Canelinhas e a planta regasificadora de Mugarodos- e que padece desde há anos a presença de umha outra cimenteira nas Lagoas, gerida por Materiales del Atlántico. O Grupo de Trabalho contra a 2ª Cimenteira, que agrupa a oposiçom à obra, conseguiu reunir já mais de 2.000 assinaturas, mobilizar na

rua parte da populaçom, e organizar um concerto com grande sucesso no próprio concelho. Tudo isto, com a dificuldade acrescida que supom desafiar umha câmara municipal governada por um presidente nacionalista que tem demonstrado desde há anos o seu arreigamento popular.

Mas também estão a ser concelhos de menor conflituosidade, como Portas ou Coirós, os que começam a tomar medidas de pressom. No caso do município marinheiro, o presidente Francisco Quintela foi claro ao defender a instalaçom da cimenteira com a afirmaçom de que "a criaçom de emprego é a melhor ecologia", acusando de "desce-rebrados" os opositores, que se organizam na Associaçom de Afectados pola Cimenteira. Neste organismo, para além de trabalharem com argumentos que o ambientalismo galego está



a divulgar, como os que relacionam a combustom das cimenteiras com o espalhamento de doenças respiratórias, cancros e esterilidade, criticam "o obscu-

rantismo com que foi gerido todo o processo". A Conselharia do Meio Ambiente licitou já a construçom de umha planta que se situará a 400 metros de casas

habitadas, sendo que é a própria legislaçom a estabelecer umha distância mínima de dous quilómetros para instalaçom como as cimenteiras.

*Prestes a se constituir um sindicato galego para dignificar e proteger as pessoas que trabalham nos meios de comunicaçom*

## Iminente constituicão de um sindicato de jornalistas

### Redaçom

Há aproximadamente um ano, um grupo de jornalistas, preocupados polo presente da profissom decidiu reunir-se para "tentar dignificar as condições laborais, económicas e sociais" do colectivo, caracterizado historicamente pola sua escassa capacidade organizativa. Este processo tornou-se visível na constituicão de umha comissom gestora para impulsionar a criaçom de um sindicato profissional de jornalistas, independente e autónomo da Ordem de Jornalistas da Galiza. A gestora é formada por profissionais de diferentes pontos do País, tendo já empreendido os passos para realizar a Assembleia Cons-

tituinte, previsivelmente no mês de Fevereiro.

O sindicato teria como objectivos fundamentais a defesa da liberdade de expressom e o direito à informaçom, e ainda representar, defender e promover os interesses sociais, laborais e culturais dos e das profissionais da comunicaçom. Figuram também nas propostas da gestora, a promoçom de um Estatuto Profissional das Jornalistas, assim como a defesa dos direitos das trabalhadoras da comunicaçom, também para exercer a sua representaçom nas negociaçom de contratos colectivos e outros acordos na Galiza, impulsionando, assim, umha verdadeira igualdade entre homens e mullheres,

tanto no acesso aos postos de responsabilidade como no trato salarial. Também é primordial para o futuro sindicato, a regulaçom conjunta entre o estudantado, a univesidade e as empresas de comunicaçom galegas do actual sistema de estágio.

A gestora estabeleceu um mínimo de 100 pessoas pré-filiadas em todo o País para poder constituir o sindicato. No fecho desta edição do NOVAS da GALIZA, 80 trabalhadoras e trabalhadores de toda a Galiza já tinham formalizada a sua pré-filiaçom. Cumpre salientar que este numero de jornalistas é superior a todas as pessoas dos media que hoje estão filiadas a qualquer sindicato.

## Vizinhança rejeita circunvalaçom em Mondariz

### Redaçom

Segundo a análise do projecto de traçado da Associaçom de Vizinhos e Vizinhas de Xabrinha, os objectivos que justificam o projecto da circunvalaçom de Mondariz e Mondariz-Balneário som inadeguados, ao estarem baseados em aparências e supostos que nom se sustentam em estudos de trânsito reais, para além de nom existir umha análise de alternativas e de se desestimarem os impactos ambientais que provocaria. Algumas das consequéncias previsíveis som a criaçom de taludes de até treze metros de altura e escavaçom de até 16 metros de profundidade, a modificaçom irreversível do contorno do rio Tea,

a carência de acessos directos das paróquias de Vilar e Rio Frio e as agressom às condições de habitabilidade das casas, e também, a bens do património cultural, como acontece no caso de vários moinhos, sem que sejam incluídas medidas de compensaçom. Oitenta por cento dos vizinhos e vizinhas das paróquias afectadas, com o apoio dos grupos municipais, assinárom já um documento de oposiçom ao projecto. NÓS-UP manifestou também a sua oposiçom, por considerar o projecto especulativo, como umha tentativa de continuar a fazer de Mondariz-treze metros de altura e escavaçom de até 16 metros de profundidade, a modificaçom irreversível do contorno do rio Tea, lugar destinado ao lazer de turistas, empresariado, burguesia e cargos políticos de elite.

# Milhares de pessoas voltam a Compostela com *Nunca Mais*

## Redacção

Dous anos depois da maior catástrofe ambiental da história da Galiza e do ponto de partida de um amplíssimo movimento de massas contra os responsáveis políticos pela desfeita, o berro de *Nunca Mais* voltou a ocupar as ruas da capital galega. Apesar dos muitos meses de silêncio do movimento cívico e do aparente arredamento popular da dinâmica mobilizadora que caracterizou o nosso País em anos passados, a bandeira azul e preta da plataforma cívica demonstrou, mais umha vez, o seu poder de convocatória, independentemente da conjuntura política vivida.

Perto de meia hora antes da saída, o passeio central da Alameda era já um fervedouro de gente. A assistência, que desbordou todas as previsões, motivou que a Praça da Quintá ficasse pequena para acolher todos e todas as participantes, parte das quais nom pudérom ouvir os discursos de Carlos Blanco e Xurxo Souto.

Nos dias prévios à manifestação era perceptível certa sensação de insegurança na plataforma convocadora, mesmo

porque nom se dispunha de qualquer índice que possibilitasse medir o grau de aceitação desta nova manifestação na base social que outrora tinha saído à rua contra o PP. No interior ou nos arredores do movimento de massas, eram inclusive perceptíveis aquelas desavenças que já estiveram presentes nos momentos de maior efervescência mobilizadora.

A organização independentista NÓS-UP, por exemplo, recusou-se a secundar a convocatória da que considera umha "plataforma fantasmagórica ao exclusivo serviço de interesses eleitoristas", como fiyo público dias antes do 13 de Novembro num comunicado nacional em que, aliás, acusava o nacionalismo maioritário de ter abortado o movimento de massas na sua fase de maior apogeu, para recuperá-lo agora de maneira utilitarista. Tampouco o colectivo sócio-cultural Redes Escarlata, integrante de *Nunca Mais*, secundou umha mobilização considerada oportunista. Em troca, a organização juvenil AMI sim assistiu à convocatória, centrando a sua mensagem na denúncia de um

Plano Galiza "desenhado à medida dos interesses do colonialismo" e aproveitando também para denunciar a utilização interessada da Plataforma.

## Querem parar tarefas de limpeza embora continue a chegar fuelóleo

### Redacção

Dois anos depois do afundamento do Prestige, ainda continua a chegar fuelóleo a diversos pontos do litoral galego, principalmente da Costa da Morte. Som vários lugares em que persistem restos de contaminação que ainda nom fôrom retirados, e nas praias do Rostro e Neminha veem-se diariamente quantidades de várias dúzias de quilogramas de piche, segundo dados do colectivo ambientalista ADEGA.

O Comissionado para o Prestige, nom obstante, acabou de marcar o dia 19 de Novembro como data limite para a eliminação dos efectivos que actualmente están a trabalhar na limpeza destes areas. Assim, o pessoal do concelho de Mugia seria anulado, e tam-só ficaria un reforço activo no de Fisterra.

Diversas espécies marinhas veem-se afectadas actualmente polos hidrocarbonetos aromáticos contidos no fuel. As consequências disto tornam-se visíveis em factos como fortes quedas no recrutamento de individuos juvenis e problemas reprodutivos que están a diminuir estas populações muito abaixo da normalidade.

Perante isto, ADEGA solicitou a continuação dos trabalhos de limpeza na costa, preferentemente nos pontos referidos acima, em Corrubedo e no Parque das Ilhas Atlánticas, onde a presença de piche é mais visível. A finalização destas tarefas poderia alargar as problemáticas sobre a fauna marinha durante lustros, e se a isto somamos a eventual elevação das capturas piscatórias, a situação pode tornar-se muito grave.

## Mar de Tinta junta poesia e reivindicação em várias cidades

### Redacção

O colectivo Mar de Tinta está a organizar na rua recitais participativos em que juntam a arte da palavra com o compromisso da mensagem. Desde a catástrofe do Prestige, o colectivo trabalha para que perdure o espírito de intervenção, e neste Outono já fiyo acto de presença em Ferrol, Compostela e Lugo.

Às primeiras quintas-feiras de cada mês, às sete da tarde na Praça de Fonseca, organizam a Festa da Palavra. Com a bandeira de *Nunca Mais* e o fato de macaco nas cordas, Luz Fandinho lembrava os fantasmas da emigração, e nom faltárom alguns apontamentos para os visitantes do Caminho de Santiago.

Mar de Tinta tinha-se deslocado a Ferrol no sábado dia dous de Outubro, para protestar polo desprezo mostrado polas autoridades perante as reivindicações cidadãs e pola desfeita que Reganosa está a provocar em águas de Mugardos, ao instalar umha central de gás na



própria ria, que nem sequer conta com os requisitos obrigatórios. De facto, através de mobilizações cidadãs e de processos abertos nas instâncias pertinentes, continua a insistir-se em que a central nom cumpre os requisitos mínimos exigíveis para umha instalação destas características, desrespeitando as recomendações básicas de

segurança e esquecendo as consequências de impacto ambiental que supom a própria instalação. O colectivo convocou un acto público de solidariedade com a população afectada. A assistência ao acto partiu do cais numha lanca que foi seguida por várias embarcações particulares, e visitárom as instalações da central de gás acompanhados de vários membros da Plataforma em Defesa da Ria, que explicárom como estava a situação e os motivos das suas reivindicações, ao mesmo tempo que mostravam umha faixa e finalmente liam un comunicado. À tarde, na Praça de Amboage, junto com todos os espontâneos que quigéron participado, realizou-se o recital e fôrom trocadas impressões sobre temas de actualidade.

No dia vinte de Novembro, foi o momento da Praça Maior de Lugo, onde o colectivo fixo ouvir a sua voz e a voz de quem quiger deixar-se ouvir.

## Sabotam obras da mini-central do Arnoia

### NGZ

A polémica construção de mini-centrais nos rios galegos continua a arrastar múltiplos conflitos. A 22 de Outubro, dias depois da vizinhança ter feito audíveis as suas queixas pola desfeita que están a produzir as explosões das obras do desmonte para un projecto que já foi alvo de denúncias de todo o ambientalismo, dous artefactos incendiários fôrom topados nos baixos dos veículos, enquanto un terceiro provocou danificações num camião, na aldeia de Rubilhós. Enquanto a Plataforma em Defesa do Arnoia considerou "inadmissível" o recurso a este tipo de métodos, a organização comarcal de Ourense de NÓS-UP manifestou que o acontecido é "resultado normal de se terem recusado todas as vias democráticas às reivindicações da vizinhança". A Guarda Civil investiga o sucesso e pretende ligá-lo a outros episódios de violência política de baixa intensidade produzidos recentemente na Galiza.

16  
0-dezaseis  
- Casa de Xantar -  
Rua de San Pedro 16 - Santiago

13  
Vante  
Cantem do S. Busto, 4 - COMPOSTELA  
Loja de Abastos - PONTE-CESSURES  
GALIZA

GARIGOLO  
...Café - Teatro...  
Praça da Algalia de Arriba, 1  
COMPOSTELA

cervexaria  
MOLICH  
Capitán Eloy, 17 • Tel.: 23 93 60 • OURENSE

Centro Social  
Henriqueta  
Outeiro  
COMPOSTELA  
Quiroga Palacios, 42 (rés do chao)  
☎ 981 563 286

R  
reviravolta  
local social  
Arcebispo Maior 23 Pontevedra

...del  
OTXO  
BAR  
PRINCESA - 7 PONTEVEDRA

## NÓS-UP assumirá todas as conseqüências jurídicas da solidariedade com HZ

Carlos Morais reconheceu todas as assinaturas supostamente falsificadas e qualificou de "surrealista" a acusação

### Redacção

O membro da Direcção Nacional de NÓS-UP, Carlos Morais, foi acusado de falsificar assinaturas na hora de nomear apoderados e apoderadas em Biscaia durante a campanha eleitoral ao Parlamento europeu. Carlos Morais tinha sido o responsável pela campanha da candidatura da esquerda independentista galega nas eleições europeias do passado dia 13 de Junho. Foi também quem tramitou e nomeou as apoderadas e apoderados de NÓS-UP em Biscaia, Guipúscoa, Araba e Navarra. Perante a ilegalização da candidatura Herriaren Zerrenda polo Estado espanhol, a organização independentista assumiu naquela altura o risco de facilitar a contagem de votos da candidatura ilegal em todas e cada uma das mesas do País Basco, nomeando centenas de bascos e bascas como apoderadas.

Perante o juiz, Carlos Morais negou a acusação de ter falsificado a sua própria assinatura e reconheceu "como próprias todas e cada uma das assinaturas das apoderadas de Biscaia". Morais qualificou como "perseguição política" o processo aberto pelo Julgado de Instrução nº 9 de Bilbao. O independentista definiu como "insólita, surrealista, disparatada e ridícula" a acusação de ter falsificado a sua própria assinatura. NOS-UP enquadra o processo aberto contra a sua organização por parte do Fiscal Geral do Estado, Cándido Conde-Pumpido, na "lógica repressiva" de um Estado que "recusa os direitos elementares dos povos e das pessoas". A organização independentista assumirá todas as conseqüências jurídicas que podam derivar-se deste processo aberto contra Carlos Morais, como representante legal da candidatura da esquerda independentista nas passadas eleições europeias.

## Condenados sete ambientalistas pola defesa da Ria da Arouça

### Redacção

O pacífico encerramento da Plataforma em Defesa da Ria da Arouça (PDRA) nos Paços do Concelho de Vila Garcia no dia 14 de Janeiro de 2000, para protestar pola concessão da licença de actividade aos depósitos de hidrocarboneto situados no cais do Ferraço, acabara com o despejo protagonizado pola Polícia Local. Quatro anos depois, e com a retirada da Câmara Municipal como acusação particular, uma sentença defendida pola Fiscalía, condena sete dos dez ambientalistas acusados de resistência à autoridade. A sentença definitiva fixa oito meses de prisom para Benito Dios Otero e María do Mar Suárez Manteiga e estabelece penas de seis meses para os outros processados: Ángel Villanueva Morán, Ramón Martiño Ferro, Jose

Benito Piñeiro Chantada, Joaquín Ribeiro Dieste e Jacinto Torrado Valle. Ficam absolvidos o presidente da PDRA, Xaquín Rubido, e o porta-voz da plataforma Alberto do Coe Martín, já que nenhum deles se encontrava na Câmara de Vila Garcia no momento do despejo. A sentença baseia-se em que os sete processados se cocentraram no interior da Câmara, recusando-se a abandoná-la depois de ter sido fechada ao público, desobedecendo as ordens da Polícia Local e resistindo-se de forma activa a despejar as intalações. Xaquín Rubido vinculou os processos a motivações de carácter político. Todos os acusados coincidiram nas suas declarações em nom admitirem a existência de uma ordem de despejo, prévia actuação da Polícia. Também coincidiram

em lembrar que o protesto foi pacífico e marcado pola resistência passiva dos manifestantes e que foi a porta escolhida polas autoridades para o despejo a que provocou o entupimento que originou quedas e empurrões. Para enfrentar o processo, três dos processados tinham interposto na altura denúncias contra os agentes da Polícia de Vila Garcia pola presumível comissom de uma falta ou um delito de lesons no transcurso do despejo. Mas esta situação que pudo forçar a nulidade de actuações e a suspensom do julgamento foi esquecida na hora da sentença. Esta condenação responde à política de criminalização de protestos pacíficos que a Junta da Galiza e as autoridades pertinentes tenhem estado a manter para proteger a actuação de empresas que atentam contra o ecossistema do País.

## Audiência Provincial ratifica condenação dos sindicalistas lugueses da CIG

### Redacção

A Audiência Provincial de Lugo já ditou sentença sobre o recurso de apelação interposto por três sindicalistas da CIG contra as suas respectivas penas de prisom. O organismo judicial confirma no fundamental as penas impostas ao secretário geral do metal lugueses, José Guilherme Rei Rouco, e aos sindicalistas José Mendes Torres e José Luís Trigo Cruzado, ditas polo Julgado do Penal nº 2 de Lugo, do qual é titular Rocío González Bonar, reduzindo apenas em 12 meses a pena de prisom do terceiro dos sindicalistas. A resolução judicial nom esgota a via de recurso, mas tampouco suspende o ingresso em prisom dos punidos. Para além de sentenciar o encarceramento dos três sindicalistas que na Greve Geral de 20 de Junho de 2002 participavam num piquete informativo, a Audiência Provincial de Lugo obriga os condenados a pagarem as custas processais da acusação particular - aspecto que nom incorporava a sentença do Julgado do Penal nº 2 - e obvia a possibilidade de um indulto sugerido polo fiscal durante o julgamento do recurso de apelação.

Aos 13 anos de prisom acrescentam-se agora graves punições económicas: 2.700 euros por processado em conceito de multa; indemnização ao empresário José Eduardo Fernández Palacios, dono do local Pub Ruada que boicotava a jornada de Greve Geral; sanção de 120 euros por um delito de danos; "indemnização" de 8.500 euros que Rei Rouco deverá pagar ao polícia local implicado nos incidentes, e outra de 235 a pagar ao Serviço Galego de Saúde. Após a resolução judicial, apenas existem duas últimas possibilidades: a concessom de um indulto polo Executivo espanhol ou a apresentação de um recurso ao Tribunal Constitucional. Contudo, nenhuma destas vias evita o ingresso em prisom dos sindicalistas. Mesmo assim, segundo pudo saber NOVAS da GALIZA, os advogados que levam este caso confiam em que esse ingresso nom se produza enquanto se estiver à espera do ditame do Tribunal Constitucional. A repressom contra o sindicalismo nacionalista em Lugo nom fica por aqui. Dezanove pessoas mais, que participaram activamente na jornada de Greve Geral vivida na Galiza



em 20 de Junho de 2002, encontram-se imputadas no mesmo processo em que acabaram por ser condenados os três sindicalistas. Após deporem no passado mês de Setembro, os imputados estão à espera da resolução do titular do Julgado nº 5 de Lugo. Por enquanto, e conforme pudo saber o nosso jornal, nom tem chegado nenhuma notificação a esse respeito para as pessoas que declararam como testemunhas e posteriormente processadas. Segundo afirmou um dos dezanove afectados a NOVAS da GALIZA,

encontram-se tranquilos à espera dos resultados da investigação. Por outro lado, o recurso também

teria endurecido muito as penas a pagar polo sindicato como responsável subsidiário.



Aglomeración e malheiras continuam nas cadeias galegas

## Continuidade na política penitenciária do PSOE

NGZ

Apesar da acesa polémica com que Mercedes Gallizo, directora geral de instituições penitenciárias, começou a sua caminhada na nova legislatura, destituindo vários directores de prisons e fazendo um chamamento para se reduzir a aplicação dos primeiros graus, pouco parece ter mudado no mundo penitenciário na Galiza: continuidade do regime FIES e maiores esforços orçamentários para a construção de cadeias. Para os funcionários de prisons 'o elevado número de estrangeiros dificulta a integração', enquanto a direita mediática tenciona associar o aumento da conflituosidade nas prisons com a numerosa comunidade árabe presente nas cadeias.



A vulneração de direitos contra a população reclusa continua presente. Há dois meses, presos de Teixeira denunciavam ante os meios de comunicação as malheiras de que eram vítimas.

Para o delegado do governo na Galiza, Delfin Álvarez, "nom se trata de que haja aglomerações nos cárceres, mas de que existem vazios técnicos e administrativos e falta de pessoal". Mas a propósi-

to da celebração da festividade da Mercê, que congregou vários responsáveis políticos no centro penitenciário da Lama (Terra de Montes), os próprios trabalhadores da cadeia confessavam que "a

cadeia encerra 1.600 pessoas, sendo a sua capacidade de apenas 1.008". Umha realidade que perfeitamente podemos fazer extensível ao conjunto das prisons galegas e espanholas, onde a população reclusa continua a aumentar, e onde se plasmam os nefastos resultados na integração da população migrante: se no ano 2000 eram por volta de 45.000 os presos e presas nas cadeias do Estado espanhol, em Setembro de 2004 aquele número tinha aumentado a quase 60.000. E umha quarta parte são imigrantes.

Por enquanto, o governo do PSOE continua com os planos penitenciários desenhados polo PP: construção de quatro macrocadeias em Sevilha (duas), Madrid e Castelhom e, no caso concreto da Galiza, ampliação do centro da Lama com a edificação de um chamado 'Centro

de Reinserção Social' na cidade de Vigo, que daria acolhida a 130 presos, funcionando como mais um módulo da cadeia central. Por parte de CCOO, José Alves aplaudiu estas medidas e vincoou que eram o caminho correcto para dar solução ao problema da aglomeração e da conflituosidade crescente.

Como tenhem denunciado diversas associações de solidariedade, nomeadamente PreSOS Galiza, a vulneração de direitos contra a população reclusa continua presente. Há escassamente dous meses, os presos de Teixeira José Manuel Teixeira Quintas e Juan José Palomo Sánchez denunciavam numha carta dirigida a todos os meios de comunicação as malheiras de que eram vítimas por parte de um grupo de funcionários quando se encontravam em regime de isolamento.

## Aumenta perseguição política em Sada

NGZ

Dez meses depois da moçom de censura que desbancou do poder o BNG, promovida polos antigos vereadores do PP e apoiada por um tráfugo do PSOE, agrava-se a perseguição política contra a cidadania crítica de Sada, sofrida especialmente polos homens e mulheres que integram a Plataforma Cidadá pola Democracia. As denúncias e os julgamentos contra membros do colectivo cívico tenhem-se multiplicado nos últimos meses. O tráfugo José Luis Santamaría denunciou vários vizinhos por "injúrias e calúnias, feitas com publicidade".

Por outro lado, trinta vizinhos e vizinhas de Sada serán julgadas em Betanços no vindouro 24 de Novembro, acusadas pola Polícia local de "alterar a ordem pública", numha conferência informativa que ofereceu o actual presidente da câmara, Ramón Rodríguez Ares "Moncho", no passado dia 5



Trinta vizinhos e vizinhas de Sada serán julgadas em Betanços no vindouro 24 de Novembro, acusadas pola Polícia local de "alterar a ordem pública" numha conferência informativa que ofereceu o actual presidente da câmara, Ramón Rodríguez Ares "Moncho".

de Março na Casa da Cultura. A falta de liberdades verifica-se dia-a-dia com a proibição imposta pola presidência da Câmara de colar cartazes na rua ou de anunciar actos mediante megafonia. Vitor Suárez, vice-presidente da Plataforma Cidadá pola Democracia em Sada, manifestou a NOVAS da GALIZA que a Polícia local identificou arbitria-

mente os e as cidadás que intervinherom nas caçaroladas e noutros actos organizados pola Plataforma.

A falta de transparência e o dispêndio continuam a caracterizar a gestom do actual executivo sadense. Aumentam os cargos de livre designação, as pessoas contratadas a dedo ou a permissão com as irregularidades urba-

nísticas, sem obviar que Rodríguez Ares dispom de um salário anual de 59.194 euros. "Até o arquitecto municipal recebe um salário maior que o do da Câmara Municipal de Compostela", aponta Vitor Suárez, para quem esta situação também se repete com a pessoa responsável polo gabinete de imprensa do governo autárquico.

Outras luitas

Presentemente, a Plataforma Cidadá pola Democracia em Sada está a realizar os trâmites pertinentes para se constituir numha associação vicinal, "mas com um marcado carácter político", segundo comenta Vitor Suárez, para quem este colectivo "é a única organização de esquerda que fica em Sada, tanto polo seu funcionamento como pola sua democracia interna". Este movimento popular também está envolvido na defesa das Branhas, umhas lagoas existentes no concelho que representam a única zona húmida urbana na Galiza. As Branhas poderiam ser transformadas polo actual governo municipal num parque urbano desportivo-recreativo que estragaria o seu interesse natural. Por outro lado, a Plataforma está a manter conversas com o BNG local e a CIG-Emigração para tentar repatriar os restos mortais de Ramon Suares Picalho, da Argentina para a sua Sada natal.

**RENOVAÇÃO**  
EMBAIXADA GALEGA  
DA CULTURA  
embgalega@hotmail.com  
monchodefidalgo@terra.es

LOCAL SOCIAL  
**REVOLTA**  
Rua Real, 32  
Apdo. 287 - 36200 VIGO

**ARTABRIA**  
Travessa de Batalhons, 7  
981369099 - 981369921  
15403 FERROL  
www.artabria.net

Café - Bar  
**CHICHO**  
Rosalia de Castro, SALVATERRA

**Santa Mede**  
Bar de Copas  
Salvaterra do Minho

## análise

# A propaganda da política social

*Depois de 12 anos da sua aplicação podemos dizer que a RISGA (Renda de Integração Social Básica) é uma política pública insuficiente para lutar contra a pobreza e a exclusão social na Galiza. Todos os sectores e actores implicados (sindicatos, ONG's, câmaras municipais, trabalhadores e trabalhadoras sociais...)*

*reconhecem essa insuficiência logo desde o começo da sua implementação. Não existe nenhum estudo de impacto ou diagnóstico social por parte da Conselharia dos Assuntos Sociais que possa dar noções sobre a eficácia deste dispositivo tão crucial para a população galega em situação ou risco de exclusão social. As*

*sucessivas Administrações Fraga não se têm preocupado de avaliar e analisar seriamente os resultados atingidos por esta política, entre outras coisas, porque não interessaria dimensionar os seus limitadíssimos efeitos na abordagem de uma problemática tão complexa como a crua no nosso país.*

Óliver Escobar

A Renda de Integração Social da Galiza (RISGA) entrou em funcionamento no ano 1992. Foi estabelecida na Lei 9/91, ao lado de um importante número de medidas que tencionavam vertebrar um Plano Integral. Nenhuma de todas essas medidas foi desenvolvida (morreram no papel), excepto a RISGA e as Ajudas de Emergência Social. Estas últimas são ajudas pontuais para situações relacionadas com a precariedade habitacional de uma ínfima parte das pessoas pobres; inscrevem-se pois na clássica lógica de beneficência dentro da acção pública. A RISGA segue outra lógica bem diferente nos seus termos teóricos: é uma renda ligada a um projecto de inserção sociolaboral guiado por trabalhadores e trabalhadoras sociais das câmaras municipais. Supõe um dispositivo dinâmico (transformador) em que a prestação económica é um reforço para um projecto de inserção personalizado e tecnicamente supervisionado, destinado a produzir mudanças qualitativas na situação das pessoas que entram no programa. O objectivo fundamental deste tipo de política é a reinserção sociolaboral, já que mais de metade dos beneficiários e beneficiárias estão no desemprego (quanto à RISGA podemos adiantar já o seu absoluto fracasso em relação a este objectivo).



*A reivindicação da implantação de uma Renda Mínima ficou silenciada após a implantação da RISGA, que desviou a focagem mediática e política acerca da exclusão social na Galiza*

***A percentagem de pobreza na Galiza administrativa situa-se dois pontos por cima da média estatal: um 19,9 % de lares (150.000 famílias) são pobres, o 22% da população da CAG***

Não é fácil sintetizar numhas linhas porque é que se adoptou uma política deste tipo. As Rendas Mínimas de Inserção (RMI) nasceram nos estados da Europa mais desenvolvida como nova resposta frente à pobreza e a exclusão social, agravadas pela crise económica dos anos 70. Nesses países supunha o derradei-



*A RISGA é uma regalia basicamente urbana que mal chega ao meio mais rural que caracteriza a maior parte do território galego*

ro elemento de protecção para quem ficava à margem de uns sistemas de segurança social caracterizados por amplos níveis de cobertura. Nos anos 80, começa o debate sobre a necessidade de uma política de RMI ao nível do Estado espanhol. CCOO, UGT e Cáritas lideram esta reivindicação e exponhem-

na em finais da década ao governo estatal do PSOE, que rejeita a sua adopção. Antes disto, o Governo Basco já tinha posto em andamento a sua própria política de Rendas Mínimas que se virá a converter, ao lado do RMI francês, no modelo que imitarão as outras Comunidades Autónomas (CCAA). A Galiza

foi a penúltima a fazê-lo.

É preciso lembrar o contexto, porque este é um dos primeiros pedidos que veio sobre a mesa o 1º Governo Fraga quando este foi constituído em Fevereiro de 1990. Ao longo de vários meses, a Junta manifesta a sua negativa a desenhar um programa destas características. A pressão mediática por parte de diversas organizações sociais cresce e o governo cria uma mesa de negociação cujos acordos serão escassamente cumpridos. Deste processo nasce a RISGA com um lastro elementar: a Junta não acreditava neste tipo de política, apesar de que tinha decidido assumi-la; quase todas as CCAA tinham já a sua e as organizações sociais galegas estavam a focar mediaticamente o velho problema da pobreza e o novo da exclusão social; a recém estreada Administração Fraga tinha a necessidade de mostrar a sua capacidade para gerir reclamações e problemas, e o cenário da intervenção pública autonómica achava-se no ponto de superar a política do betom (chave da política galega da década de 80) para aprofundar na vertente assistencial ou do bem-estar que outras CCAA já estavam a desenvolver. Fôrom muitas as condicionantes que fizeram com que naquele momento o executivo galego assumisse uma medida que desde o início rejeitava. E isto influenciou imensamente em como foi enfrentada a elaboração da mesma.

**Como foi formulada a RISGA?**

Lembremos os quatro factores críticos da fase de formulação que condicionaram a aplicação da RISGA no nosso país nos últi-

#### ERRATA

Na reportagem do número anterior, o bono com o que narcos e contrabandistas pagaram ao PP foi emitido para as eleições autonómicas de 1989 (as primeiras de Fraga), não para 1999, como figurava erroneamente no pé de foto.



mos anos:

- Houvo inescusável ausência de documentos, estudos e investigacións para a análise específica da realidade social galega (recursos de información), e procedeu-se por imitación de modelos alheios à mesma. Noutros estados europeos (também no IMI basco) esses estudos fôrom a base fundamental que nutriu o desenho das suas RMI.

- O processo de elaboração foi fechado (técnicos e políticos da Conselheria), sobretudo a respeito das instâncias e pessoas que se encarregariam de materializar a medida (cámaras municipais, trabalhadores e trabalhadoras sociais). Muitas câmaras recusárom-se a tramitar solicitações da RISGA ao longo dos primeiros anos, e ainda hoje em dia 30 % dos mesmos nom gerem nenhuma;

- Existírom notáveis problemas de comunicação e información, numha dupla vertente: entre as

***A RISGA é umha medida puramente simbólica. Nom existe proporcionalidade entre os conteúdos reais da política e as necessidades das diferentes problemáticas sobre as quais pretende actuar. O objectivo é gerar a percepçom de que 'se está a solucionar', com independência da procura de resultados reais***



136.540 pessoas vivem em situação de pobreza severa no nosso País

diferentes organizaçoms públicas implicadas; e a respeito da população que constituía o seu público potencial.

- Nom foi dada atençom aos problemas de implementaçom e avaliação de resultados, que poderiam -em maior ou menor grau- ser *neutralizados* através de estratégias planificadas. A preocupação avaliadora deveria permitir obter información suficiente para suster os argumentos sobre os resultados, de maneira que se ampliasse o consenso e a implicaçom dos diferentes sectores essenciais para umha política pública destas características.

As propostas de *elaboração da política pública* da RISGA fôrom, polo menos, precários quanto...

- à existência de previsoms sobre as dimensoms do seu público potencial, e portanto dos recursos necessários (a rede galega de serviços sociais era e continua a ser mínima); essa improvisom motivou o estabelecimento de

## A RISGA como política simbólica

Os elementos de conteúdo nom dam respostas convincentes à pergunta chave que suscita qual-quer umha análise sincera sobre a RISGA: Porque e para que foi formulada apesar de nom ter a rede de serviços sociais precisa para a sua aplicaçom? Nom resta outra possibilidade entom que prestar atençom à sua dimensom simbólica, já que nom existe proporcionalidade entre os conteúdos reais da política e as necessidades das diferentes problemáticas sobre as quais pretende actuar. Noutras palabras, se o desenho da política nom está vertebrado polo critério da busca de resultados (*impactos na estrutura económica; reduçom dos*

*níveis de pobreza*), que outros elementos podem ajudar-nos a entender porque os decisores públicos galegos adoptárom naquele momento umha política dessas características?

Definimos como Política Simbólica aquela que aborda um problema da perspectiva da *percepçom social*: o objectivo é gerar a percepçom de que *se está a solucionar*, com independência da procura de resultados reais (eficácia/eficiência) por parte dos decisores públicos. O problema é tratado sem *substantividade* e, em muitos casos, sob o imperativo da necessidade de apaziguar as reivindicações sociais de inter-

***Muitas vezes, o problema é tratado sob o imperativo da necessidade de apaziguar as reivindicações sociais de intervençom pública sobre umha problemática. Trata-se de lançar umha mensagem inequívoca: "Já estamos a actuar!"***

vençom pública sobre umha problemática; a finalidade principal tem umha dimensom simbólica, trata-se de lançar por parte do governo umha mensagem inequívoca aos diferentes actores, esferas e públicos: "*Já estamos a actuar!*".

Neste sentido, há algo que nom podemos perder de vista; o êxito da RISGA como política pública simbólica foi incontestável: desde que a Junta formulou esta política, a problemática da exclusom social já nom está na *agenda de governo* como elemento prioritário do cenário político galego; do mesmo modo, a *presença mediática* que esta questom tivo entre 1989-1992 nom

voltou a ter par nos últimos 12 anos; conseguiu-se também *apagar* os níveis de denúncia e reivindicaçom dos agentes sociais sobre estas realidades. Isto nom quer dizer que nom contínuem, dia-a-dia, implicados na luta contra a exclusom social; trata-se antes que a diversidade de temáticas sobre as quais actúan é tam ampla que é impossível dedicar a isto a mesma intensidade reivindicativa que se conseguiu naqueles anos em que, ao redor de um objectivo comum: a implantaçom de umha Renda Mínima, foi focado e priorizado mediática e politicamente o tema da exclusom social na Galiza.

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a  
NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros     Assinante Colaborador = \_\_\_ euros

Nome e Apelidos  Telefone

Endereço  C.P.

Localidade  E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

**Assinatura**

um filtro muito duro no tocante aos requisitos de acesso (entre os mais duros do estado), para além da limitação orçamentária.

- à congruência entre os objectivos declarados e os meios para avaliar o seu cumprimento;

- à planificação de um sistema de avaliação do dispositivo que permita saber o nível de consecução de resultados para o reajustamento do programa; isto é básico num cenário de recursos limitados e problemas muito sérios;

- à mobilização de umha rede social capaz de colaborar na materialização da política.

- à necessidade de desenvolver os precários (e desiguais) serviços sociais das câmaras municipais galegas, encarregadas do núcleo duro da intervenção: os projectos de inserção.

Em consequência, pode entender-se a lentidão e o burocratismo que foi caracterizando a RISGA nos anos da sua aplicação. A percentagem de pessoas que a percebem é muito pequena e a realização dos projectos de inserção é muito limitada e nada eficaz no tocante ao objectivo da inserção laboral (só 5% som projectos deste tipo).

#### Considerações finais

A RISGA é umha regalia basicamente urbana que mal chega ao meio mais rural que caracteriza a maior parte do território galego. Neste sentido, é fundamental o desenvolvimento dos serviços sociais, já que a sua diversa situação nos mais de 300 concelhos galegos obstaculiza claramente a implementação desta política. Quanto aos serviços sociais das câmaras municipais, há umha profunda disparidade -entre concelhos, entre comarcas- nas capacidades e esforços desenvolvidos para a implicação da iniciativa privada nas tarefas da inserção sociolaboral. Em geral, essa implicação é muito escassa, aliás, nula.

Som muito poucos e poucas as tra-



A percentagem de pessoas que percebem a RISGA é muito pequena (cerca de 4.000 pessoas) e a realização dos projectos é muito limitada e nada eficaz no tocante à inserção laboral

balhadoras sociais que podem exercer estas tarefas com a dedicação que realmente exige o trabalho da inserção social. Submetidas e submetidos em muitos casos a situações contratuais precárias, a umha carga de trabalho excessiva (sobretudo burocrática) e aos interesses e prioridades dos políticos municipais... a sua capacidade (recursos materiais e habilidades) e o seu tempo para desenvolver acções na rua, seguimentos personalizados e estratégias de integração... vem-se abafadamente minguados pela realidade. Nom obstante, se algum êxito em casos concretos tivo a RISGA deverá-se seguramente às e aos trabalhadores sociais.

Segundo os dados apontados por diferentes instâncias nos últimos dez anos, a RISGA chega a umha percentagem muito baixa do seu público potencial (basta compararmos a quantidade de beneficiários -cerca de 4000 pessoas

### 136.540 pessoas vivem em situação de pobreza severa no País. Os 'governos Fraga' nom ajudárom a resolver um problema tam complexo como cru

actualmente- com as diferentes ratios de pobreza severa que conhecemos para o caso galego).

Em 1998 apresenta-se um trabalho de EDIS sobre as condições de vida da população pobre na Galiza, que tem sido umha clara referência para os estudos deste âmbito. Os dados centrais:

a) A percentagem de pobres seria de 19,9% de lares (150.000 famílias), e de 22% da população -595.000 pessoas, 136.540 em situação de *pobreza severa* (grave + extrema); a média espanhola: 17,3%;

b) Por provincias, a percentagem de famílias carenciadas seria de 19% na Corunha, 22% em Lugo, 32% em Ourense e 14% em Ponte Vedra;

c) A percentagem de população pobre por provincia: 23% A Corunha, 25% em Lugo, 36% em Ourense e 15% em Ponte Vedra;

d) Quanto à que costuma ser chamada "*composição da pobreza*", o estudo constata que, sobre o

	EXTREMA	GRAVE	MODERADA	PRECARIE
Corunha	4,3	16,3	26,3	53
Lugo	4,3	10,7	37,9	47
Ourense	3,9	8,8	39,5	32,7
Ponte Vedra	2,1	11,6	26,1	60,1

1. Tipo de pobreza por provincias (%)

FONTE. EDIS 1998; As condições de vida da população pobre na Galiza, Fundação Barrié de la Maza / Fundación FOESSA, Corunha / Madrid.

CC.AA.	Pessoas pobres e (lares) %	Pessoas perceptoras de RMI e (lares) %	Gasto público em RMI (pts. por habitante)
Andaluzia	30.2 (26.3)	0.20 (0.35)	562
Canárias	27.1 (25.0)	0.01 (0.01)	234
Catalunha	16.1 (14.0)	0.14 (0.24)	404
Galiza	21.3 (21.0)	0.10 (0.18)	297
Navarra	11.0 (10.6)	0.38 (0.69)	1219
C.Valenciana	24.5 (20.8)	0.10 (0.19)	377
País Basco	12.6 (11.6)	0.64 (1.18)	2936
E.Espanhol	22.1 (19.4)	0.19 (0.32)	602

2. Pobreza e rendas mínimas de inserção

FONTE. "Vinte anos de autonomias no Estado espanhol". Subirats e Gallego (eds). CIS, 2002.

total da população pobre, a percentagem de pobreza extrema é de 5,5%; de pobreza grave, 18,2%; de pobreza moderada, 36% é de precariedade social.

A pobreza é um dos factores determinantes da exclusão, mas nom é, nem por isso, o único. Os mais recentes estudos começam a pôr luz sobre a complexidade da exclusão social no cenário das modernas sociedades industriais. Estas análises estão ainda por fazer na Galiza e o tema permanece na opacidade mediática.

Nom está demais expor os dados de umha recente investigação confrontada sobre as RMI das diferentes CCAA. Nela observa-se como as clássicas lógicas de beneficência se tenham transformado num incipiente direito à inserção laboral e integração social, que opera antes como discurso legitimador do que como dispositivo assistencial verdadeiramente transformador. Segundo este estudo, é sintomático verificar a enorme desproporção entre a percentagem de pessoas e famílias carenciadas, e a percentagem das que recebem umha RMI.

O investigador Castel defende que a inserção tende a se converter num recurso retórico que "corre o risco de desempenhar a função de

ocultar a miséria, de degenerar em simples ocupacionalismo, de consistir em arbitrios ou recursos extremos mais ou menos provisórios para matar o tempo e dar a sensação de ocupar as pessoas sendo perfeitamente conscientes de que afinal é incapaz de procurar um verdadeiro trabalho para elas."

Os argumentos recolhidos em toda investigação jornalística ou académica levam-nos a concluir que a RISGA nasceu (foi formulada) como política pública principalmente simbólica.

Em 12 anos de aplicação foi já reformada três vezes. O I Plan de Inclusão Social 2001-2006 é agora apresentado pela Junta como o empurrão definitivo para complementar esta medida de umha maneira integral. Teremos que analisar, quando se fechar o seu ciclo, se se tratou de um empurrão simbólico ou substantivo.

#### NOTA DO AUTOR

As ideias sintetizadas (simplificadas) neste artigo desenvolvem-se amplamente no trabalho de investigação intitulado "Umha análise da formulação da RISGA. Política Substantiva ou Simbólica?" que está ao dispor de quem lhe interessar solicitando-o ao correio electrónico [oliverni@hotmail.com](mailto:oliverni@hotmail.com)

**DISTRIBUIDORA TEXTIL**

Apartado 481  
32070 - Ourense  
Nº 619 419 338

Preenche este cupom, recorta-o e envia-o ao endereço aqui indicado. Faz o teu pagamento mediante ingresso bancário na conta número 20800261280000206544 de Caixa Nova (acrescentando 3 € de gasto de envio) ou bem contra-reembolso (somando 6 € de gasto de envio) No seu caso, anexa cópia do justificante do ingresso.

**Num. Referência:**  
**Cor:** Talha:  
**Name:**  
**Apelidos:**  
**Endereço:**

**LOGO COMITÉ REVOLUZIONARE ARREDISTA DA HAVANA**  
**CAMISETA AZUL OU PRETA**  
**7 EUROS**

**GALIZA CEIVE**  
**CAMISETA AZUL OU PRETA**  
**7 EUROS**

**A FOUCE**  
**PERIÓDICO GALEGO**  
**CAMISETA AZUL OU PRETA**  
**7 EUROS**

# investigação

## Narcotraficante da Arouça actua impunemente com a protecção de diferentes corpos policiais

Lidera a organização que perdeu cinco membros no mar durante os últimos meses

*Manter boas relações com as autoridades proporciona a certos narcotraficantes umha protecção necessária. É o caso de José Bóveda Ozores, conhecido no seu âmbito como 'Charly' ou 'o Barbas' e integrado na rede de Sito Miñanco, um*

*confidente a três bandas que colaborou com a brigada de estupefacientes da Policía Nacional de Vigo e coopera actualmente com a Guarda Civil de Ponte Vedra e o Serviço de Vigilancia Alfandegária (SVA). Com anos de experiência no narcotráfico, a*

*sua irrupção no mundo da cocaína está a ser acidentada: três membros da sua organização faleceram nas costas portuguesas no passado mês de Julho e outros dous integrantes afundaram em Outubro com umha lancha rápida perto de Sálvora.*

M. Rodrigues / S. Rosa

A notícia do afundamento de umha potente lancha com dous tripulantes a bordo cobriu numerosas páginas na imprensa do passado mês de Outubro. A confusão evidenciava-se nas notícias: enquanto fontes policiais desvinculavam o acidente do narcotráfico (nom se encontrara droga), outros meios, como El Correo Gallego, faziam referência à relação com o acontecimento de um "conhecido narcotraficante galego, já condenado por tráfico de drogas". O que nom revelavam era a identidade desta pessoa, conhecida e sentenciada, oculta graças à protecção do Serviço de Vigilancia Alfandegária (SVA) e da Guarda Civil.

José Bóveda Ozores é actualmente confidente de José Lorenzo Macías, chefe adjunto do Serviço Regional Galego do SVA destinado em Marim, segundo indicam fontes da luta contra o narcotráfico. As mesmas fontes asseguram que colabora com o Serviço de Informação da Guarda Civil de Ponte Vedra. Mas a sua rede protectora nom ficaria por aqui, já que há uns anos, gozou da protecção da própria Policía Nacional, corpo em que tinha relação com Manuel Simons, chefe da brigada de estupefacientes de Vigo.

Integrado na grande rede tecida em torno do ex-financiador do PP Sito Miñanco, em prisom, é um bom aliado de Manuel Carballo Jueguen, narco de Vila Nova da Arouça fugido da justiça, e pai de Daniel Carballo, que tinha sido assassinado por sicários colombianos.

No início dos anos noventa, umha rusga policial surpreendeu 'Charly' com 50.000.000 de pesetas em dinheiro numerário, conforme afirmam fontes da luta antinarcotráfico. José Bóveda maneja grandes quantias de dinheiro na zona, segundo assinalam empresários da comarca arouçá, que afirmam que o narcotraficante tem investido nos últimos anos perto de cinco milhões de euros em diferentes sectores.

Até o ano passado, Bóveda Ozores liderava umha organização dedicada ao tráfico de haxixe. No entanto, o seu recente salto à cocaína já lhe custou a perda do seu sócio principal, e também a vida de cinco integrantes da sua rede.

### Cinco mortos em quatro meses

No passado dia 28 de Outubro o Instituto de Medicina Legal de Tenerife identificava o corpo em estado de decomposição de Juan Carlos Feijoo Vázquez. O falecido, vizinho de Cambados, tinha afundado no início de Julho numha lancha em águas portuguesas, junto com Claudio Durán Vilas, o 'Fichas', e um mecânico do qual se desconhece a identidade. Conduziam umha lancha de 12 metros de comprimento e dirigiam-se às Canárias para realizarem um carregamento de cocaína.

Três meses depois, outro acidente voltaria a atingir a organização de Bóveda Ozores. Nos primeiros dias de Outubro umha lancha aparecia em Cedeira, depois de ter embarcado na ilha de Sálvora com dous tripulantes a bordo, ainda que algumas fontes apontem também a existência de umha terceira pessoa.



As duas embarcações sinistradas som actualmente legais no Reino Unido, o lugar predilecto para os narcos de hoje comprarem lanchas cujo preço ascende a mais de meio milhão de euros

**José Bóveda Ozores é confidente do Serviço de Vigilancia Alfandegária e da Guarda Civil. No seu tempo colaborou também com a brigada de estupefacientes da Policía Nacional. É a cabeça da organização que perdeu cinco membros nos últimos meses**

No dia 11 de Outubro, era encontrado o cadáver de José Carlos Domínguez Castro, vizinho de Cambados, enquanto o corpo de Óscar Rodríguez Rei, natural de Bueu, continua sem aparecer. Presumivelmente, ambos partiram para a Irlanda no dia 2 de Outubro, onde se dirigiram a Southampton para adquirir a potente e sofisticada lancha rápida com que sofrêrom o acidente. Se isto nom tivesse acontecido, os agora falecidos pretendiam refugiar a lancha num galpom de Muros, para depois se dirigirem a umha zona entre as Canárias e a Madeira onde se ia produzir o carregamento, segundo indicam pessoas vinculadas à luta contra o tráfico de drogas.

O caso destas duas mortes está a ser investigado polo juiz de Primeira Instância e Instrução de

Ortigueira, Víctor Pardo, que decretou o segredo de sumário para impedir filtrações num caso que se apresenta delicado.

### Lanchas de tecnologia avançada

Os narcotraficantes servem-se de recursos tecnológicos de alta sofisticação e custo. Os tripulantes da lancha rápida afundada em Sálvora utilizavam telemóveis de última geração: conectados com o serviço da Boeing em Arizona, que coordena 66 satélites, conseguem ter cobertura de rede em todo o Planeta. Para além disso, este sistema de telefonia está apoiado em seis avions que voam permanentemente com 11 satélites por unidade. A lancha, de 15 metros de comprimento, estava provida de três motores fora-borda com 320 cavalos em cada um. Um aviomarinho para eludir o seguimento policial, rápido e eficaz, mas ao mesmo tempo perigoso. Esta embarcação e a desaparecida em águas portuguesas som proibidas no Estado espanhol, mas som actualmente legais no Reino Unido, o lugar predilecto para os narcos de hoje comprarem lanchas velozes cujo preço ascende a mais de meio milhão de euros.

Quanto ao sinistro, fontes próximas de Bóveda Ozores figêrom referência também ao desconhecimento do mar por parte dos falecidos e aos riscos da operação. Vizinhos de Cambados consideram incompreensível que os falecidos de Outubro tivessem saído para o mar com umha embarcação destas características quando as condições de navegação eram altamente desfavoráveis.

**A Peneira**  
Kornal Galego de Información Xeral  
www.apeneira.com

**O RINCOM DO SEBENCO**  
100% Antifascista  
CORUNHA  
rúa M<sup>a</sup> Luísa Durán Marquina (zona estádio de riazor)

**Luísa e Ferro**  
Lancha  
contra a burla negra NUNCA MAIS  
Campo da Feira - CARRAL

**CENTRO SOCIAL**  
**A tren!**  
Españolismos de los ajedres colaboradores  
outubro@telmail.com  
Travesía San José, 7 (Rúa do Chai)  
15.002 CORUNHA  
Colaboracións: 2091-0012-10-3040031285

**Manolo Caamaño Anón**  
Cerámica de Roda (en pres e porcelana)  
Ventosa, Covas  
15664 AMES, Galicia  
981 890 089  
http://mcaamainho.ejb.net

**O PELOURINHO** do **NOVAS** é para expor a tua voz à opinião pública. Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos qualquer inquietação, comentário ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido no **NGZ** ou noutros meios, este é o teu lugar. Para fazeres uso dele envia o texto junto

ao teu nome completo, localidade, número de bilhete de identidade, correio electrónico ou telefone de contacto. **NOVAS GZ** reserva-se o direito de descartar as cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Tu tens a palavra... Todos e todas te escutam.

## O Pelourinho do Novas

A respeito da polémica gerada ao redor da figura do patriota galego José Velo Mosqueira.

Na Assembleia da Mocidade Independentista (AMI), consideramos oportuno fazer os seguintes esclarecimentos sobre a trajectória política do revolucionário galego José Velo Mosqueira, por ocasião dos actos de homenagem a este celanovês, que a nossa organização celebrou em diferentes comarcas da Galiza, e as reacções que tem provocado, nomeadamente um artigo de António Piñeiro, publicado no diário "La Región" no passado dia 14 de Outubro.

1º- Desde os seus inícios políticos, como o dirigente mais destacado da FMN de Cela Nova, junto com Celso Emilio Ferreiro, José Velo adopta umha posição política e militante nitidamente arredista. Esta postura pode ser verificada em todos os seus discursos públicos e artigos assinados no órgão da FMN, o boletim Guieiro, em que reafirma a sua linha política independentista e rupturista, a negativa frontal a qualquer acordo integrador da Galiza com Espanha, o rejeitamento a pactos com forças políticas espanholas, fossem ou não de esquerda, e a crença na legitimidade e necessidade do emprego da violência política con-

tra a imposição espanhola. Como exemplo, citaremos umha frase bem esclarecedora, pronunciada na sua intervenção no acto político organizado pola FMN no Teatro Curros Enríques, na sua vila natal, perante mais de 4.000 moços e moças galegas: "O separatismo é a única alternativa frente aos males endémicos que fustigam o país galego".

2º- Após a sublevação fascista de 1936, colabora activamente com a guerrilha anti-franquista, e já no exílio, quando a deserção de tantos companheiros chamava à renúncia, mantém o seu activismo, tentando unir toda a colectividade galega de parâmetros progressistas e nacionais, e cria o DRIL, umha das primeiras experiências armadas contra o fascismo após a desarticulação da guerrilha polo oficialismo pactuante do PCE. As posições federalistas e iberistas, que abraça nesta etapa, nom devem fazer-nos esquecer que a Nação galega e a defesa insubordinável dos seus interesses nacionais, sempre estivo para José Velo acima de tudo, boa mostra do qual som estas palavras pronunciadas numha das suas últimas inter-



José Velo Mosqueira

venções: "Eu nom esquecerei nunca o que som, um galego de alma. Por isso, ando polo mundo aos tombos, com a pátria proibida polos donos da verdade".

3º- Só podemos orgulhar-nos da exemplar trajectória e as firmes convicções deste combatente galego, sendo o nosso dever recolher o facho acceso de luta e combate que nos tem deixado como a sua herança mais prezada. Aguardamos ter contribuído à difusão e esclarecimento da sua figura, e ainda ao desmascaramento daqueles que, agachando-se sob hipócritas posições, representam, hoje, tudo aquilo contra o que José Velo lutou.

A.M.I. (Ourense)

### CARTA A UMHA MENINHA DE MUGIA:

Querida Célia,  
O teu próprio nome é evocador. Abrolhas do fundo da história, entre as escumas do bravo mar que banha as costas que chamam "da Morte". Mas tu és vida. Vida e promessa de amanhecer, como diria Castela. Do meio mais hostil, mais humilhado, mais rendido, surdes como umha lumieira, alegre, dançante, num abrete sonoro e forte.  
O actual presidente da Cámara de Mugia, no mais grosseiro estertor, é capaz de dizer que "viria bem um Prestige de vez em quando, para favorecer a paragem biológica", e também para favorecer a política das "barriguinhas agradecidas". A política do temor a nom receber os subsídios que, como esmolos, reparate "D. Manuel" (nom a Junta), dos impostos que pagamos todos e todas.

"Eu venho com os petos cheios de quartos!", dixo, depois de ter deixado a tua formosa terra sob do fedor do negro piche. E os pobres de espírito rendírom-se, e calárom. Mas houve quem nom calasse. Nom calárom as redeiras, nem as professoras, nem os percebeiros, nem os meninhos e meninas que querem viver numha das terras mais belas do mundo. Que nom se querem ir

embora trabalhar na construção nas Canárias, ou em qualquer outro lugar aonde o desemprego os envie. Que recusam o fado cruel e inevitável da emigração, porque sabem que esta é umha terra rica, viçosa e produtiva. Só que mal administrada. Todas as meninas e meninhos têm direito a que os mais velhos cuidem os meios de produção que proporciona o seu entorno, protegendo-o e incrementando os seus rendimentos. Isso é o desenvolvimento sustentável. E essa foi a tua chamada: a cantiga que ouvimos, na tardinha do dia 13, na Praça da Quintá, em Compostela, as mais de 50.000 pessoas que estivemos contigo, reivindicando a honra e a dignidade da Galiza. Desta Quintá de vivos, de onde saiu o batalhom dos Literários ao som da "Marcha do Antigo Reino da Galiza".

Devemos-lho a tantas gentes que sacrificárom o seu tempo para virem aqui, limpar o mar, e a tantos que se arriscárom, e ainda arriscam, revoltando-se contra os poderes caciquistas que aferrolham ainda a nossa terra. Sabemos umha cousa, Célia, que unidos e unidas somos fortes, e que "a vitória é difícil, mas é nossa".

Adela Figueroa Panisse (Lugo)

## Detrás da palavra: Um caderno da viagem

Margarida Maceira Figueira

O universo poético de Corral Iglesias abre-se-nos de novo para o percorremos da mão de um eu lírico que se sabe conhecedor da sua geografia. Caminhamos com a tranquilidade de quem é acompanhado por um guia, ainda que, nesse trajecto, nom podamos evitar as chuvas e o corisco do Inverno, já anunciados e pré-falados.

Este é o "caderno da viagem" polos espaços e os tempos vividos desse ser humano com que vamos ter logo a partir das primeiras páginas. Deixemo-nos levar por quem possui o roteiro, esse que unicamente marca os rumos para as próprias vivências. Aproximamo-nos, deste jeito, numha primeira jornada, de umha parte existencialista que nos mostra o próprio acto da criação literária, a convulsão que supom encarar o indivíduo consigo mesmo na viagem às trevas das recordações: "Nesta noite de insónia / vou na

minha procura / polas hospedagens de inverno / em descampados de asfalto..." Sobre o mundo dos espectros e das sombras das origens deitará luz o poeta com a sua palavra: "...e corre cara mim a noite da memória / com palavras embaçadas de distância".

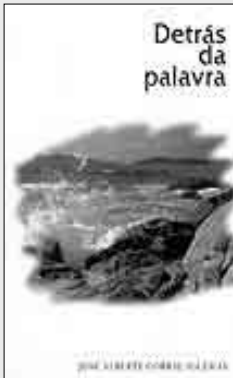
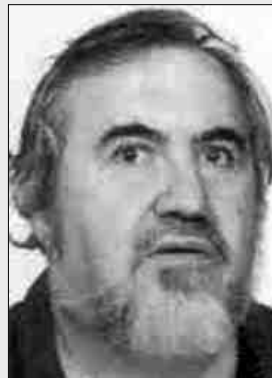
Nesta primeira etapa o autor usa, de um modo muito acertado, umha serie de termos que funcionam como recorrências léxicas, que adquirem um valor simbólico ao longo de toda a obra<sup>1</sup>. Estas ajudam a criar umha atmosfera propiciatória para a apreensão do

processo da escrita a que assistimos como testemunhas. As formas às quais nos estamos a referir poderíamos organizá-las em dous campos semânticos: O da "obscuridade", em que a palavra clave seria "silêncio". A esta iriam associadas outras como *escuro, fuscacho, segredo, noite, espectro, sombra, abismos...* Encontramos duas composições feitas de diferentes pontos de vista e que servem para amolar a identificação entre o homem vencido e o silêncio em que se agacha. Vejamos: "ali no fundo da rua / a luz de umha taverna mostra / o abeiro preciso / corro... de sípeto / um vulto é o home vencido" e "A saraiva e o corisco cospem / o seu assanho na janela / os carros prendem os seus faróis, / e alguém / batuja nos idoiros / corre entra / é o Silêncio". O da "luz", que viria representado pola forma "palavra". Acompanhariamos vocabulos como *sol, dia, vida, murmúrio, canção, canto, voz, berro...* O próprio título já aparece

ungido com umha destas marcas e Detrás da palavra simboliza, já desde o começo, por um lado, o momento anterior à existência do próprio pensamento, enquanto este nom se tornou logos<sup>2</sup>; por outro, a experiência vital previa à palavra que se converte em poema ("Vivo coutado na palavra dos cadáveres / mas tornavoltarei polos espelhos do corisco")<sup>3</sup>; e ainda por um outro, a aparição da palavra e da criação literária que convertem numha realidade concreta e manifesta a existência humana: "A vida chegou-me / a talhos de machado / palavra acochada / trás a canseira / da velha malha."

Aquele que pom em relação ambos os mundos que lhe som próprios é o poeta, que rompe o silêncio com a palavra do seu canto. Antes disso, veremo-lo sofrer umha evolução ao longo desta parte. Declara-nos, inicialmente: "como pássaro prendido / na fiação vou-me indo." A seguir:

(Continua na página seguinte)



Autor e capa da Obra. *Detrás da palavra*, José Alberto Corral Iglesias, Ed. AGAL, 2004.

A GALIZA NATURAL

# A outonada de Vares

João Aveledo

Com a entrada do Outono, os nossos bosques orlam-se de ouros e ocreos, misturados com verdes e cinzentos. As cores da outonada percorrem marinhas e montanhas e estão na lembrança das nossas retinas. Mas o Outono galego ainda oferece uma outra maravilha menos conhecida e não menos formidável, a migração das aves marinhas.

Muitas espécies de aves dirigem-se no Inverno para locais quentes, onde encontrarão bom clima e alimento. Na Primavera voltam ao ponto de partida para fazerem o ninho e se reproduzirem. Já o relata, no século XV, o navegador português **Gomes Eanes de Zurara** na sua **Crónica da Guiné** "E a esta terra passam geralmente todas as aves que por certos tempos aparecem em este o nosso reino... e muitas há que por friura do Inverno se partem desta terra e vão buscar aquela, por causa da sua queitura...".

O nosso país possui um dos melhores observatórios de aves marinhas do mundo, o cabo da Estaca de Vares, lá onde o Atlântico começa a chamar-se Cantábrico, no ponto mais setentrional da Península Ibérica. Em 1933, o Governo da República declarava esta paragem Sítio Natural de Interesse Nacional. Mas seriam belgas e ingleses os que, na década de 50, descobririam a Estaca para a Ornitologia mundial. Repararam estes naturalistas, que as aves

marinhas europeias haviam de passar na sua viagem migratória em frente à Estaca de Vares, pois a sua travessia discorre contornando as costas do continente e não excessivamente longe de terra firme.

Com efeito, desde fins do Verão e durante semanas, milhares de mascatos (*Morus bassanus*), pardelas (*Puffinus spp.*), corvos-marinhos (*Phalacrocorax spp.*), gaivotas (*Larus spp.*), mobilhas (*Gavia spp.*), negrolas (*Melanitta spp.*), araus (*Uria aalge*), moleiros (*Stercorarius spp.*), gaivinas (*Sterna spp.*), painhos (*Hydrobatinae spp.*) e exemplares de muitas outras espécies realizam a sua passagem frente às costas de Vares. Calcula-se o seu número em mais de 100.000 aves. Num único dia, só o número de mascatos (*Morus bassanus*) pode atingir os 20.000.

## A história militar de Vares remonta-se à II Guerra mundial. No dia 10 de Novembro de 1943, aviões Wellington aliados afundavam nestas águas um submarino alemão U-966.



A gaivina do Ártico possui o recorde Guinness das aves migradoras, 35.000 Km ida e volta.

De todas estas espécies, talvez, os que primeiro dão nas vistas são, precisamente, os mascatos (*Morus bassanus*), que com os seus enormes corpos brancos se lançam em vertical sobre as ondas em espectaculares mergulhos, dignos de campeões olímpicos de trampolim.

Mas uma pequena ave branca de cauda galhada, a gaivina do Ártico (*Sterna paradisaea*), é a que realiza a viagem mais longa, a que possui o recorde Guinness das aves migradoras. Esta andorinha-do-mar voa desde os seus locais de cria próximos ao Ártico até às costas do Antártico, onde inverna, 35.000 Km. ida e volta. Para desfrutarmos desta beleza é conveniente uma óptica potente, telescópio melhor do que binóculos, e um bom guia de aves. Existe, desde há uns anos, uma estação ornitológica dependente da Conselheira do Meio Ambiente e que governa a Associação de Amigos da Estação Ornitológica da Estaca de Vares. As instalações constam de uma

casinha de pedra sobre o alcantil, que no rés-do-chão tem camas, cozinha e lareira para o alojamento dos e das visitantes, e no sobrado um miradouro do qual se podem observar as aves. Porém, se isto fosse pouco, ainda existem umas outras variadas e poderosas razões que justificam a excursão a Vares. Descendo polo alcantil, encontramos cinco moinhos de água, infelizmente hoje em estado de abandono, que constituem um conjunto etnográfico sem par na nossa terra. Não longe da Estação Ornitológica acha-se o farol de Vares. Tem planta octogonal, foi construído em 1859 e situa-se a 91 m. sobre o nível do mar. A sua escada interior foi fundada na Fábrica de Sargadelos. Próximo, também, achamos o Semáforo, umas antigas baterias militares agora reabilitadas para o turismo de habitação. Dali, podemos contemplar uma formosa vista panorâmica da Ria do Barqueiro e da Ilha Coelheira. Durante a Guerra Fria, no ano

1962, os americanos construíram na Estaca uma base militar para o controlo aéreo. Encontra-se, e desta vez felizmente, abandonada. Num país como o nosso, que tanto gosta das estórias, não é estranho que a base ianque tenha a sua própria lenda, lenda evidentemente moderna, segundo a qual existiria debaixo da base um búnker para submarinos nucleares.

Mas a história militar de Vares remonta-se já à II Guerra mundial, pois no dia 10 de Novembro de 1943, aviões Wellington aliados afundavam nestas águas um submarino alemão U-966. O seu comandante, chamado Wolf, faleceu em 1978 e a sua última vontade foi que fossem espargidas as suas cinzas em Ponta Maeda, pequeno cabo situado à esquerda da Estaca.

Vares é uma pequena e pitoresca vila marinheira, com um cais de um valor arqueológico excepcional, pois o dique que protege o porto moderno é formado por "coí-dos", grandes pedras erodidas pelo mar, e data de fins da Idade do Bronze, século VII a.c., sendo a sua origem mais provável uma antiga colónia fenícia.

Como vedes, sobejam motivos para conhecermos estas atraentes costas. Deixai que acabe expressando um desejo: Que Nunca Mais um Prestígio ou um Mar Egeu ou um outro qualquer parecido nos tentem roubar o espectáculo da outonada das aves marinhas na Estaca de Vares.

Assim seja.

(Vem da página anterior)

"como pedides o meu canto / se o sol resseca os ossos / dos meus mortos / e... o silêncio dos pássaros / implosiona / nos buracos da antimateria". Finalmente, afirmará: "mas hei de morrer / com canto efêmero / esfurando / como a toupeira."

Ao avançarmos neste caminho, numa segunda etapa desta viagem, entramos na **parte cívica ou social** do poemário, em que o indivíduo nom é só ele se nom também tudo aquilo e aqueles que o rodeiam, o que fará que expresse o seu compromisso com os mais desfavorecidos: "acochados nos amuletos da avareza / dançam o Banco Mundial com os seus amantes / para que nós, os sem deus, morramos." Neste percurso por diversos espaços e tempos de uma história pessoal concreta, o poeta leva-nos da esperança na utopia e a luta por atingi-la, passando pela derrota e a perda dos companheiros na mesma, até o momento da revolta contra a própria desilusom e amargura. Eis o instante em que os jogos simbólicos

das recorrências léxicas voltam a ser protagonistas; e som-nos precisamente porque a sua plasmaçom na escrita concebera-se como umha declaração de intençom que conecte passado, presente e futuro. Dirá-nos assim o poeta: "Eu que venho de todas as mortes, / dos caminhos onde o sol esmorece, / quisera lembrar com fachos incendiários / palavras de dignidade..."; acrescentará também: "Regressemos para cavalgar vendavais / é preciso necessário / e as flores vermelhas seram luz nos comides"; finalmente, sentenciará: "sem báguas... dos entulhos da derrota / esbulhamos o silêncio da sua mortalha"<sup>4</sup>.

Vamos concluindo esta viagem, deixamos atrás as chuvas da invernía e chegamos à estação da Primavera e à parte amorosa da obra. Esta mostramos a calma que sobrevém depois da tempestade: "Tu que sabes das frientas cançom de inverno / das chuvas que chimpam o vinho e o pam da mesa / és o arrollo de berce / que calma a minha sede cheia de desertos..." Vemos

como o caminho iniciado chega ao seu destino e o viajante, sem despojar-se das vivências acumuladas, une o final do percurso ao ponto de partida: "a tua palavra, meu amor; / é a que preciso, / o tempo ido / é o que procuro." Assistimos ao momento do remate do canto do "pássaro"- poeta e o processo criativo chega assim ao seu fim: "guardo que a porta se abra e com os teus olhos cheios de luz / ...chames por mim / para eu abandonar na minha mesa de trabalho por sempre este silêncio / escuro e cinzento como a angustia de um alcoólico".

Ao fecharmos **Detrás da palavra** é quando nos apercebemos de que todos os pontos do itinerário desta nossa viagem polas páginas desta obra fõrom planificados pola mestria desse guia que já os percorrerá e visitará. A clareza da sua palavra orientou-nos na descoberta desse seu mundo criado e fomo-lo decifrando nessas escolhas léxicas, possuidoras de um valor conotativo que ecoa ao longo de toda a obra e na organizaçom da

matéria poetizada, disposta de tal jeito, que as diferentes partes temáticas irradiam luz umhas sobre as outras para se fundirem num grande facho no instante da despedida.

(1) Para um leitor conhecedor da poética corraliana, esta simbologia nom será desconhecida. Assim, algum dos elementos léxicos de que vamos falar é usado com um valor conotativo semelhante em *Del amor y la memoria* Palavra e memória e *Acarom da Brètema*. Agora bem, nesta obra, combinam-se estas e outras vezes numha aliança que nos oferece umha nova visom poética do eu vivído, sentido e expressado.

(2) Queremos lembrar, a propósito desta ideia, a quele pequeno poema de *Palavra e memória*: "Quero ir-me, / mais alo, / do começo das palavras."

(3) Neste caso, aliás, supom dar voz a aqueles que fõrom silenciados, na luta pola liberdade ("vozes afogadas") e aos quais o poeta tentará, principalmente na segunda parte, restituir-lhes a memória, declarando-se testemunha e cumplice dos seus ideais: "Nom matarom o vosso anseio de justiça / que se fiço em nós / lume eterno / para sermos / o vento que diz verdade".

(4) O negroito é nosso, e com ele queremos destacar os termos que, como já comentamos, funcionam como reiteraçom com umha grande pertinência significativa.



# portal galego da língua

## 'Campanha no ensino promove galeguização da banca

A Mesa

A Mesa fixo un chamamento especial ao profesorado para receberem o seu salário através de entidades que utilizam o galego. A campanha centra-se nunha idea muito singela: A Mesa reunirá o máximo número possível de pessoas que estejam dispostas a gerir o seu ordenado por meio de entidades que se comprometam a dar passos importantes na sua galeguização. O colectivo centrará agora os seus esforços em atingir o apoio do pessoal dos centros de ensino, tanto docente como non docente. Depois negociará com os bancos e caixas de poupança utilizando a carteira de clientes que tenham interesse no uso do galego. Para além do compromisso de galeguização, serão negociadas também para os novos clientes as máximas vantagens, económicas e de gestom, mesmo que sejam melhoradas as condições existentes actualmente no mercado.

## Acordo ortográfico mais perto de tornar real

PGL

Segunda informa o jornal Folha online, versão digital da Folha de São Paulo Brasil dá primeiro passo para unificar "as duas ortografias oficiais da língua portuguesa a do Brasil e a de Portugal". Assim "o governo brasileiro aprovou um protocolo que deverá, em breve, promover a unificação". Entre as novidades destaca o facto do tremo deixar de existir, a nom ser em nomes próprios e seus derivados. Além do alfabeto passará a ter 26 letras incorporando mais três: "k", "w" e "y". O mesmo jornal informa que serão "cerca de 40 mudanças que terão de ser incorporadas ou à ortografia brasileira ou à portuguesa". O jornal paulista finaliza a informação valorizando positivamente a reforma e indicando que "umha língua é muito mais que a sua ortografia". É por isso que acham a unificação da grafia como "um gesto político, no qual parece estar o mérito da açom". Reconhecem que a decisom suportará um "desgaste de reaprender algo que já está automatizado" além do "custo económico de substituir os livros, sobretudo os didáticos, que envelhecem". Mas ainda assim "passada a fase de transição, o saldo deve ser positivo".

## UNESCO poderá reconhecer identidade cultural galego-portuguesa

*O colectivo «Ponte... nas Ondas» leva à UNESCO a proposta de declarar o Património Imaterial Galego-Português como Obra-Prima da Humanidade*

Germán Ermida

No vindouro mês de Junho, o mais importante organismo mundial no campo da cultura, a UNESCO, poderá vir a reconhecer, se tudo correr como se espera, o Património Imaterial Galego-Português com o título de Obra-Prima do Património Imaterial Intangível da Humanidade. Esta distinção é a equivalente, para as manifestações imateriais, à categorização conhecida como Património da Humanidade a que aspiram tantos monumentos ao longo do planeta. O caminho percorrido por esta iniciativa desde o seu nascimento, começa no seio do colectivo de educadores e educadoras que promove o programa de rádio «Ponte... nas ondas». A proposta reúne profesorado e alumnado de centros educativos do Sul da Galiza e do Norte de Portugal, nunha maratona radiofónica anual que também dá pé a que o estudantado desenvolva umha série de actividades de investigação histórica ou etnográfica, entrando em contacto com os mais velhos, percebendo a importância das suas raízes e vendo como som mínimas as diferenças que nos afastam do outro lado da raia.



Foi em 2002 quando este colectivo começou a trabalhar ao redor do património imaterial comum galego-português. Este património, segundo o colectivo organizador da proposta, atinge, entre outros elementos, ofícios tradicionais, tarefas agrícolas, ferramentas, roupas, costumes e, com certeza, cantigas, lendas e vocabulários, e supom um reconhecimento implícito da unidade lingüística e cultural das duas margens da fronteira. A riqueza e o perigo de desapareçom de boa parte desse património fizeram com que surgisse a ideia de o apresentar ao título da UNESCO, começando entom umha longa corrida de compilaçom de materiais e de angariaçom de apoios. Surpreendentemente, tanto da Junta da Galiza como do Governo de Portugal viu-se com bons olhos esta proposta, e

fôrom muitas as entidades públicas e privadas do mundo da cultura dos dois países que aderiram à iniciativa, como a Universidade Fernando Pessoa de Porto, o Ministério da Agricultura de Portugal, o Conselho da Cultura Galega, a Real Academia Galega ou o Eixo Atlântico. No entanto, para ser aceite pola UNESCO, a proposta devia ter também o apoio do Ministério da Cultura espanhol. Foi preciso aguardar até a cimeira galego-portuguesa que se celebrou em Compostela no passado mês de Outubro, já perto do final do prazo de apresentaçom da candidatura, para serem obtidos estes avais.

No passado 24 de Outubro, finalmente, umha delegaçom do projecto viajou a Paris para apresentar o relatório final avaliado polos ministros, que foi recebido com optimismo polos responsáveis polo organismo internacional. Esta iniciativa, que partiu de diversos centros de ensino, longe de qualquer movimento político e mesmo dos colectivos reintegracionistas galegos, já conseguiu que o Governo Espanhol e o Autnómico aceitassem de alguma maneira a nossa unidade lingüística e cultural com Portugal, levando o reconhecimento dessa unidade às mais altas instâncias culturais do mundo.

## BRIGA empregará o galego-português

BRIGA

Umha nova organizaçom juvenil de esquerda e independentista reconhece a AGAL como referente lingüístico. Assim, nos seus primeiros estatutos, no artigo 16, BRIGA declara ter "como única língua de uso tanto na sua comunicaçom interna quanto externa a língua nacional da Galiza, o galego, conhecida internacionalmente por português, utilizando o padrom normativo reintegracionista estabelecido pola AGAL. Estabelece-se aliás, a utilizaçom em todo o momento de umha linguagem nom sexista."



Congresso Nacional Constituinte de BRIGA (16-10-2004)

## Mais Rádio em galego... na Galiza

PGL

A direcçom de RNE informou que a sua emissora «Rádio 5 – Tudo Noticias», emitirá os programas feitos na Galiza em galego. As pressons dos trabalhadores e trabalhadoras galegas do ente público estão entre os principais motivos desta mudançom na política lingüística de RNE.

Até hoje, Rádio 5 realiza várias desconexons a nível galego, a nível local e mesmo umha a nível estatal. Para além disso, no Congresso espanhol aprovou-se um estudo de viabilidade da recuperaçom de Rádio 4 no nosso país. Esta estaçom pública emite na Catalunha umha programaçom íntegra em catalán, sob o nome de Rádio 4.

Foi o BNG a apresentar, em Maio, umha proposiçom nom de lei que pretendia a recuperaçom desta emissora de rádio. Agora a proposta foi aprovada, mas com umha emenda do PSOE que propom a nom recuperaçom automática da estaçom sem antes se realizar um estudo de viabilidade.

## AGAL já tem presença nos Países Cataláns

PGL

Um grupo de pessoas, galegas e valencianas, acabou de criar o grupo da AGAL nos Países Cataláns. As coincidências entre o caso galego e o valenciano, tantas vezes repetidas polo reintegracionismo, levam estas pessoas a se juntarem sob as siglas da Associação Galega da Língua, com o duplo intuito de dar a conhecer o caso galego nos Países Cataláns e o caso do catalán, nomeadamente em terras valencianas, na Galiza. Várias som as pessoas que se juntaram para criar o grupo. Algumas, valencianas preocupadas pola situaçom lingüística galega, outras galegas, fruto da mais recente diáspora do nosso país em terras catalánófonas, e preocupadas também pola situaçom da língua catalá. Apesar da pouca gente que integra por enquanto o grupo, receberam já o apoio de muitas pessoas, como o



Integrantes de AGAL nos Países Cataláns

sociolingüista Vicent Pitash ou o ex-director do Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, Antoni Ferrando. Ambos se mostraram interessados no projecto, e dispostos à colaboraçom. A cidade que acolheu a fundaçom deste grupo foi Valência, mas adivinha-se a próxima extensom do grupo à cidade de Barcelona, onde vários emigrantes galegos mostraram muito interesse na iniciativa.

## AGAL assessora o Jornal «Marea Negra»

PGL

Recentemente, a AGAL e o Jornal Libertário «Marea Negra» alcançaram um acordo pelo qual a associação reintegracionista assessorará lingüisticamente os redactores desta publicação bimestral. A AGAL oferece este serviço gratuitamente a todas aquelas publicações ou associações que cumpram uns requisitos mínimos. Jornal Libertário nasceu após a catástrofe do Prestige e já está no quarto número.



cinema

# TOXIC PERCEBE

*“Temos consciência política e queríamos que ficasse reflectida na curta-metragem”*

*Após a estreia em Compostela do Toxic Percebe falamos com um dos seus directores. Martín Fiallega conta-nos como é que conseguiram fazer umha curta-metragem de série B com “ironia, sangue e mensagem”, com o Prestíge e os seus monstros ao fundo. Mas ainda há mais, porque a equipa do TOXIC PERCEBE prepara já a segunda parte para berrar “nunca digas nunca mais”..*

Marta Salgueiro

**Como nasceu esta ideia?**

O Toxic nasce ao balcão do Rass, nos vinhos de Vigo. Entre copinhos de licor café e canecas de cerveja. No nosso grupo, dá-se a coincidência de que, ou trabalhamos na Citroën ou no sector audiovisual... e todos gostamos de cinema. Havia tempo que falávamos de fazer algo entre nós, para assim nos libertarmos um pouco do que fazemos nos nossos trabalhos para a TVG. Queríamos fazer umha curta para o nosso divertimento, em que participássemos todos. Depois, o projecto foi a mais, mas mesmo assim a primeira ideia permaneceu... e vê-se no ecrã.

**Com que recursos contastes para a produção?**

No início, nenhum. Bom, quer dizer, o Licor Café, que é umha fonte inesgotável de ideias, e nós próprios, que mais ou menos cobríamos todos os meios humanos necessários com realizadores, um câmara, decoradores... e muitos actores e actrizes por descobrir. Necessitávamos alguém que coordenasse a produção e um actor principal que levasse o peso da curta. Depois, também Miguel de

Lira soubo do projecto e ajudou-nos muito. Pactuamos até com o demo para conseguir material a bom preço ou emprestado. Gravamos tudo em três fins-de-semana, comíamos só sandes e dormíamos pouco, mesmo pouco. Conseguimos fazer a curta com 185.000 pesetas, e com os favores e o esforço de muita gente.

**Gravamos tudo em três fins-de-semana, comíamos só sandes e dormíamos pouco, mesmo pouco.**



Foto da rodagem de Toxic Percebe. A produção foi feita com os favores de muita gente.

**Ainda nom falamos do que conta a história, dous anos depois do afundamento do Prestíge...**

Todos temos consciência política e queríamos que ficasse reflectida. Também gostamos muito da Série B, monstros mutantes, tóxicos... e nas nossas costas tínhamos o despejo tóxico mais grande da história da Galiza. Quixemos ver tudo de um ponto de vista irónico, mostrando a nossa preocupação polos narcos que vírom também a sua fonte de vida arruinada, e sem ajudas nem instituições a que reclamar, voluntárias de Madrid decididas a sujar as suas pulcras maos para que as crianças galegas pudessem comer torrom no Natal, e no fundo um monstro percebe decidido a vingar o mar das calamidades que os humanos cometemos com ele.

**E a dinâmica de trabalho... como partilhastes a co-direcção?**

O trabalho foi coral. Quanto à co-direcção, um dedicou-se mais ao trabalho com as actrizes e outro à realização. A rodagem foi um pouco desastrosa no que diz respeito ao cumprimento dos planos previstos, devido à falta de organização, climatologia e típicos problemas de última hora, mas também foi nestas cousas onde se notou que isto era um projecto comum, pois a equipa trabalhou até as tantas, quando fixo falta, e por cima, com muito bom humor. Incrível!

**Inundastes a Galiza com o Merchadising do Toxic.**

Nom tínhamos dinheiro e nom íamos pedir umha subvenção. Fizemos t-shirts a fim de arranjar algum dinheiro, e por acaso isto calhou com a cerimónia de entrega dos

prémios do audiovisual galego, assim que montamos umha banca à porta, perante o estupor do mais insigne “glamour” galaico. Logo fizemos suéters, crachás... e até algunha prancha de surf chegou a sair com o logo Tóxico. Entom, como esta sim poderia chegar a ser umha maneira de autofinanciar as curtas de LICOR KAFÉ Films apareceu a marca “Toxic Percebe Films&fashion”.

**Tendes já novos projectos para Licor Kafé Films?**

Agora estamos a acabar de fazer o DVD da curta, que contém material adicional, e que venderemos a cinco euros. Com este dinheiro e o da roupa esperamos poder fazer para o Verao “Toxic Percebe 2: Nunca digas, nunca mais”, que basicamente vai ser mais do mesmo, ironia, sangue e mensagem.

**TABERNA LA BARRIKA**  
  
 ESPECIALIDADE EN PINTXOS  
 Rua San Pedro, 31  
 Santiago de Compostela  
 Tel: 981 54 63 09

**COPISTERIA T44**  
 Fotocopias • Papelería  
 Encuadernacións • Planos  
 Fax • Cartels • Tarxetas  
 Tesis • Tesiñas  
 Impresión dixital e laser  
 R./ San Roque 31 B. T-Fax: 981 566 896  
 R./ República Arxentina 44 B. T-Fax: 981 592 626  
 SANTIAGO

**ALTO minho**  
 asociación cultural  
 Rua Catasol, nº15 • Apdo 289 Lugo  
 altopinho@25.org • www.25.org/altominho

**Rúa Nova**  
  
 CAFETERIA RESTAURANTE  
 Rua Nees, 34 • Santiago de Compostela  
 Tlxm: 981 264 9100  
 Tlxm./Fax: 981 571 373

**galizalivre.org**  
 O portal da galiza em Internet

## ! a entrevista | Alexandre Prieto. Sindicalista e pai das primeiras crianças “galegas” no Registo Civil

### "Ter reconhecida a nacionalidade galega é umha questom de dignidade"

*Este pai de dous filhos e funcionário administrativo da Junta da Galiza, é delegado sindical da CIG-Administraçom, onde é membro da Federaçom Nacional. Foi o criador de diferentes fóruns na Internet ligados à defesa da língua ou ao nacionalismo, como as Ciberirmandades da Fala ou a lista de correio “a nossa rolda”. Para além de militar no BNG, foi co-fundador de Maes e Pais polo Ensino em Galego, e saiu recentemente aos meios de comunicaçom por ter sido o primeiro a conseguir formalmente para os seus filhos a inscriçom de “nacionalidade galega” no Registo Civil.*

Alonso Vidal

Os teus filhos som os únicos habitantes do planeta com nacionalidade galega reconhecida. Acho que nom é preciso dizer que, para um nacionalista galego, o mínimo a que se pode aspirar é ao reconhecimento da nacionalidade galega, nom é? Pois é. Esta história começou quando um companheiro me comentou que na Catalunha havia um precedente de pedido de “nacionalidade catalá” para a inscriçom no Registo Civil de um cidadão. Este pedido foi permitido na alínea de observaçom. O documento está ao dispor de quem o quizer ver na página das Ciberirmandades da Fala ([www.ciberirmandade.org](http://www.ciberirmandade.org)). Isto animou-me para ir mais além do que normalmente fazemos muitos e muitas nacionalistas, que é só preencher os espaços correspondentes à nacionalidade, em documentos oficiais, com a palavra “galega”. Quando nasceu o meu segundo filho, no Registo nom me permitiram, apesar de ter levado o documento anterior. Com maus modos, remetêrom-me para umha soliciçom posterior à inscriçom para mudar a “nacionalidade”. Tivem que fazer essa soliciçom ao Julgado de que depende o Registo Civil, acompanhando a instruçom do caso catalá aprovada. Acabei com tonturas de todas as idas e voltas que me fizêrom dar em vários meses. Depois de solicitar umha reabertura do expediente, finalmente, em Outubro deste ano, comunicam-me que aceitam a inscriçom do termo “nacionalidade galega” como anotaçom marginal. Como quando se reconhece a umha pessoa a filiaçom, a mudança de nome, etc.

**Mas, concretamente, em que termos exactos aparece recolhida a nacionalidade no Registo? E em que pode repercutir posteriormente para os trâmites que precisarem fazer os teus filhos: passaportes, bilhetes de identidade, etc?**

Na sua inscriçom no Registo Civil consta apenas umha anotaçom marginal, mas nela diz que a sua nacionalidade é a galega. As repercussom

estám por se ver. Trata-se de umha batalha posterior. Enquanto eles forem menores, eu continuarei a pressionar em todo o momento para que o reconhecimento seja extensivo aos outros documentos. O processo será similar. No dia em que seja preciso fazerem os Bilhetes de Identidade ou passaportes, levarei a certidom de nascimento, onde já figurará a nacionalidade galega, na anotaçom marginal, e começarei entom outra batalha pola sua nacionalidade. Quando eles forem adultos decidirám, mas, por enquanto, eu penso guerrear. Isto, na realidade, o que faz é dar-me, no futuro, um monte de trabalho, mas, como nacionalista, orgulho-me de ter conseguido que os meus filhos tenham reconhecido esse direito.

**Dizes que isto vai-te dar muito trabalho, dedicaçom e esforço em batalhas posteriores. Nom seria interessante “socializar” esse esforço?**

Com certeza. O meu interesse principal é que este tema seja divulgado, informar da possibilidade de ficar reconhecida a nacionalidade galega em documentos oficiais. Indicar o processo e conseguir que qualquer adulto que o desejar, solicite o reconhecimento da nacionalidade de umha forma singela. É umha questom de orgulho e dignidade. Se somos galegos, porque nom podemos ter no Registo Civil um documento que o acredite? Esta informaçom está distribuída na Internet, e os meios de comunicaçom espalharam a notícia, mas seria interessante que um colectivo, político ou cultural, tomasse a iniciativa de lançar umha campanha, com modelos de instâncias, brochuras, etc... Trataria-se de criar dous modelos: um para a inscriçom de crianças recém nascidas e outro para adultos que querem fazer constar a sua nacionalidade. Os trâmites judiciais som gratuitos.

**Os teus filhos já temem a nacionalidade reconhecida. Mas como se lhes apresenta o panorama social, educativo, cultural para exercerem efectivamente de galegos? Ou será**



Alexandre Prieto também foi co-fundador de Maes e Pais polo Ensino em Galego

**que ficará tudo numha anotaçom marginal num Registo...**

Isto é interessante. Eis o verdadeiro problema. Como nacionalista galego, esforço-me a educar as crianças conforme as ideias que tenho. É pura coerência, do mesmo jeito que pais e maes católicas querem educar os seus filhos e filhas nessa religiom. A diferença é que eles, por exemplo, temem a possibilidade de exercer esse direito, mas no meu caso, o Estado nom me garante os meios para que os meus filhos sejam criados como galegos “de naçom” que som. No idioma, por exemplo, por mais que eu eduque os meus filhos em galego, ao chegarem à escola, nom podem manter a língua deles. Esse problema educativo fulcral foi o que nos empurrou a criar Maes e Pais polo Ensino em Galego, que mais tarde se integraria na Mesa pola Normalizaçom Lingüística. Lembro que fomos fazer visitas aos infantários, e dos quarenta que aproximadamente existiam em Vigo, comprovamos com assombro que nom havia oferta em galego. Os direitos lingüísticos nom estám garantidos. Isso sim, qualquer pessoa pode estar certa de que o idioma espanhol vai ser adquirido. Ainda que seu entorno familiar tentasse educá-lo em galego. Acrescentemos o facto de que a transmissão geracional enfraqueceu, e vemos que a situaçom do galego é péssima. Assim, por muito que se nos reconheça em papel a nacionalidade, o

sinal mais evidente da identidade nacional, a lingüística, é condenada a desaparecer. Essa é a realidade.

**Foste co-fundador de Maes e Pais polo Ensino em Galego. O que foi de esse colectivo? O que fai neste momento?**

Quando estávamos à espera do primeiro filho, enviei um correio de SOS pola Internet para diferentes fóruns, para saber se alguém que tivesse filhos ou filhas estava interessado pola educaçom em galego. Respondeu Eduardo Garcia. Integramo-nos na Mesa. Continuamos com notas informativas a sindicatos e colectivos e fomos juntando umhas dezenas de pessoas em Vigo. Depois houve umha espécie de “golpe” na Mesa. Um colectivo político determinado mobilizou muitas pessoas e, numha assembleia, conseguiu controlar a organizaçom completamente. Este controlo chegou a Maes e Pais polo Ensino em Galego, que funcionava paralelamente à Mesa, com total autonomia. Colocárom umha pessoa a dirigir o colectivo. Nem sequer se esforçárom a pedir a documentaçom que estava em poder da anterior directiva. O resultado é que neste momento “Maes e Pais” em Vigo nom existe -como também nom existe a própria Mesa pola Normalizaçom. Se ainda continua a existir, deve ser unicamente em Compostela. Em Vigo, podes crer, está morta. Deixárom que morresse.

## Benta coerência

Xan Carlos Ânsia.

De manhã, açom contra o «L» de Paco Vázquez. Antes do jantar, conferência de imprensa para apresentar, em espanhol, umhas jornadas de cinema. A sesta para refolhear a proposta de Xosé Luis Barreiro, a favor do «sim» à Constituiçom Europeia. À tardinha, assembleia interna para amarrar-se de argumentos para pedir o «nom». Na segunda-feira, cumprimentos e parabéns ao Presidente da Cámara de Compostela, estimado coligado de governo, e na terça-feira o mesmo tipo é um fascista cabrom que aplica a repressom, levando para a cadeia um companheiro sindicalista. Em Ponte Vedra nom queremos indústrias poluentes e em Ferrol reclamamos Central de Gás no meio da Ria. O cartaz de Galiza Nova proibe os Borbons e em Alhariz o Quintana leva o Príncipe da mao para ver os patos do rio. Como referente ideológico para este ano, a inteligência nacionalista manda como tarefas de casa estudar a vida e obra do padre Chao Rego, depois de termos aprendido bem, em cursos passados, as façanhas bélicas de Pardo de Cela. Para imo-nos entendendo, os do PSOE som bons em Santiago e Ponte Vedra, mais muito maus em Vigo e na Corunha (aqui cumpriria distinguirmos entre socialista na Diputaçom e socialista na Cámara). A igreja é de patriotas pedir quartéis da Guarda Civil para Ordes, Negreira e Santa Comba. No resto do território ainda está sem dizer e fica algum caso, como em Cangas ou Marim, que melhor nom referirmos os do tricrónio. Já nom é pecado andar de fato e gravata, nem estabelecer relaçom sentimentais com cargos electos/as do PP, nem tampouco é punido aplaudir quando falamos de que “isto” é Espanha. Nom me dá chegado o dia de saber que postura devemos ter sobre os homossexuais... Será que poderemos sê-lo em Madrid e Lugo e nom sê-lo em Ferrol e Ourense?